



Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

Público no Desporto para Pessoas com Deficiência: Razões para a sua Falta

Análise Centrada em Estudantes dos Cursos de
Ciências do Desporto e de Educação Física do
Distrito do Porto

**Célia Maria Monteiro
dos Santos**

Abril 2004

Universidade do Porto

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física

Público no Desporto para Pessoas com Deficiência: Razões para a sua Falta

Análise Centrada em Estudantes dos Cursos de Ciências do Desporto e de Educação Física do Distrito do Porto

Dissertação apresentada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciência do Desporto na Área de Especialização em Actividade Física Adaptada

Orientador: Prof. Doutor Rui Garcia

Célia Maria Monteiro dos Santos

Porto, Abril de 2004

Ao Nuno, a quem dedico o meu trabalho,
*«... muito mais é o que nos une,
que aquilo que nos separa».*

Agradecimentos

Os meus sinceros agradecimentos a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho.

Um obrigada muito especial:

Ao Prof. Doutor Rui Garcia, não apenas por me ter orientado, mas principalmente pela atenção, disponibilidade e compreensão prestadas.

Aos Estabelecimentos de Ensino que possibilitaram a aplicação dos questionários: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e Instituto Superior da Maia.

Aos alunos inquiridos, pela simpatia, disponibilidade e prontidão com que responderam.

À Prof^a. M.^a José Garcia e ao Prof. Francisco Vagaroso pela grande ajuda, amizade e pela tradução.

À Sónia, por me ter ajudado quando tanto precisei, pela amizade, incentivo e crítica. Aos padrinhos Catarina e Hélder, pelo carinho e apoio.

Ao Luís, Paula e Luís Miguel, que me acolheram com tanto carinho.

Aos meus pais, por estarem sempre disponíveis nas horas mais difíceis, pela grande ajuda e todo o amor que têm dado.

Ao Nuno, por ser o melhor marido do mundo, mostrando compreensão e apoio.

Índice Geral

Dedicatória -----	II
Agradecimentos -----	III
Índice Geral -----	IV
Índice de Quadros -----	VI
Índice de Anexos -----	VII
Resumo -----	VIII
Abstract -----	IX
Résumé -----	X
Lista de Abreviaturas -----	XI
Lista de Siglas -----	XII
I – Introdução -----	1
II – Enquadramento Teórico -----	8
1. Desporto para Pessoas com Deficiência -----	9
1.1. Problemática do Desporto para Pessoas com Deficiência --	9
1.1.1. Rendimento e Superação -----	14
1.1.2. Valor Estético -----	22

1.1.3. Identificação -----	26
1.1.4. Emoção -----	28
1.1.5. Ética Desportiva -----	30
1.2. Desporto – Espectáculo -----	35
1.2.1. O Futebol como Espectáculo de Massas -----	35
1.3. Os Heróis do Desporto -----	41
2. Espectadores e Fans -----	46
2.1. Grupos de adeptos -----	46
2.2. Violência no Desporto -----	54
3. Meios de Comunicação Social e Desporto -----	62
III – Metodologia -----	70
1. Metodologia -----	71
1.1. Caracterização do Instrumento -----	72
1.2. Caracterização da Amostra -----	73
1.3. Procedimentos -----	76
2. Categorias -----	79
IV – Apresentação e Discussão dos Resultados -----	84
V – Conclusões -----	101
VI – Recomendações e sugestões -----	108
VII – Bibliografia -----	110
VIII – Anexos -----	119

Índice de Quadros

Quadro I – Número de inquiridos -----	73
Quadro II – Relação da idade dos inquiridos -----	74
Quadro III – Opção dos alunos da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto -----	75
Quadro IV – Número de inquiridos que assistiu e não assistiu a modalidade(s) desportiva(s) praticadas por pessoas com deficiência -----	86
Quadro V – Razões porque assistiram -----	87
Quadro VI – Razões porque ainda não assistiram -----	90
Quadro VII – Razões que levam o público a assistir a acontecimentos desportivos com pessoas com deficiência -----	94
Quadro VIII - O que seria necessário para que houvesse mais público nos desportos praticados por pessoas com deficiência -----	97

Índice de Anexos

Anexo I – Questionário

Resumo

Numa sociedade onde impera o progresso, o rendimento, a busca da beleza e da juventude, deparamo-nos com o facto de que estes não passam ao lado do desporto para pessoas com deficiência, desvirtuando muitas vezes os princípios sobre os quais surgiu e esquecendo um pouco o carácter reabilitativo.

O objectivo principal da nossa investigação é identificar as razões que levam à falta de público no desporto para pessoas com deficiência. Através de um questionário aplicado aos alunos do terceiro ano dos Cursos de Educação Física e Desporto dos principais Estabelecimentos de Ensino Superior do Distrito do Porto, ou seja a Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e o Instituto Superior da Maia.

A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo, através da função do Tipo Heurístico, em que foram procuradas as principais Unidades de Registo sobre o tema em apreço.

Nesta investigação e de acordo com os resultados obtidos, chegamos à conclusão que:

A maioria dos que assistiram a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência fê-lo para alargar conhecimentos; O que os leva a assistir é essencialmente o gosto pelo desporto em geral; A razão porque não assistem é fundamentalmente a falta de interesse, devido à falta de identificação com o atleta, essencialmente na vertente estética;

Para que haja mais público no desporto praticado por pessoas com deficiência é necessária mais divulgação.

Palavras Chave: DESPORTO; PESSOAS COM DEFICIÊNCIA;
ESPECTÁCULO; PÚBLICO; *MEDIA*.

Abstract

In a society dominated by principles such as progress, income and search for beauty and youth, all these factors have also an influence in the sport for people with disability, misrepresenting the real sporting values and forgetting its rehabilitating character.

The main goal of our research is to identify the causes why people don't go to sporting events with people with disability. This investigation was done, though an inquiry, given to students who attend Porto University, in the 3rd academic year of Physical Education and Sports of Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto and Instituto Superior da Maia.

The methodology used was the Analysis of Contents, through the function of Heuristic Method, in which we looked for the main Register Units about this theme.

In this investigation and according to the results we got, we concluded that:

The majority that watched sporting events played by people with disability were there to improve their general knowledge on this kind of sports; Others go there because they are fond of sports, in general; Those who don't attend, is because of lack of interest and also because lack of identification with the athlete, essentially in the esthetical perspective;

If we want more audience watching sporting events with people with disability, it is essential to bet in advertising techniques.

Key words: SPORT; PEOPLE WITH DISABILITY; PERFORMANCE;
AUDIENCE; *MEDIA*

Résumé

Dans une société où le progrès et le revenu dominant ainsi que la recherche de beauté et de jeunesse, nous nous sommes rendus compte que ces objectifs ne sont pas indifférents au sport pour des personnes avec déficiences, dépréciant, beaucoup de fois les buts de son établissement oubliant aussi, un peu, le caractère de réhabilitation.

Notre investigation a comme objectif principal identifier les causes que justifient la manque de public au sport pour les personnes avec déficiences. Notre travaille a été appuyé á des questionnaires donnés aux élèves de la troisième année des Cours Éducation Physique et Sport des principaux établissements de Enseignement Supérieur de Porto et arrondissements ou bien la Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto et Instituto Superior da Maia.

La méthodologie utilisée a été l'Analyse de Contenus par la fonction du Type Heuristique pour y être cherchés les principaux Unités d'enrichissement sur le thème en appréciation.

D'après cette investigation et d'accord avec les résultats obtenus, nous avons conclu que :

La majorité de ceux qui ont été présents à des évènements sportives pratiqués par des personnes avec déficiences, l'ont fait pour augmenter ces connaissances; Le goût par le sport est surtout ce que les y fait arriver; La manque d'intérêt est la principal motif de son absence, pour le faut de identification avec les athlètes, principalement dans le esthétique;

Il sera absolument nécessaire une plus grande divulgation des évènements sportives pour qu'il ait de plus en plus du public au sport pratiqué par des personnes avec déficience.

Mots Clés : LE SPORT ; LES PERSONNES AVEC DÉFICIENCES ;
LE SPECTACLE ; LE PUBLIC ; LES MEDIA.

Lista de Abreviaturas

c/ - com

Dez. - Dezembro

Dr. – Doutor

et. al. – E outros

Fev. - Fevereiro

Jan. - Janeiro

n.º - Número

Nov. - Novembro

Org. – Organização

p. – Página

pp. – Páginas

Prof. – Professor

S.A. – Sociedade Anónima

s/d – Sem data

Vol. - Volume

Lista de Siglas

ESE-IPP – Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico do Porto

FCDEF-UP – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
- Universidade do Porto

FMH-UTL – Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica
de Lisboa

FPDD – Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes

ISMAI – Instituto Superior da Maia

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a
Ciência e a Cultura

I - Introdução

«O pensamento só nasce com a dúvida».

(Martin Du Gard)

Na sociedade moderna actual deparamo-nos com a necessidade de mudança, procurando encontrar a identidade cultural que o desporto está a perder, sendo necessário formar e informar a sociedade em geral e a desportiva em particular.

A sociedade actual destaca-se pelo excessivo consumismo, pela asserção da estética e emergência dos estilos de vida, tendo o corpo cada vez mais uma importância crescente e onde o individualismo é um ponto fulcral.

«Se falar do desporto é falar do homem, estudar o desporto é estudar a própria sociedade» (Costa, 1997, p.18). É do conhecimento geral que a actividade física, e tudo o que lhe é inerente, no que respeita à percepção de competências, às oportunidades e à inter-relação pessoal, é grande influenciadora no processo de socialização e formação de atitudes.

Segundo Calvo (2001, p.20) «A actual dimensão social do desporto expressa-se através dos seus fundamentos culturais, científicos, pedagógicos e estéticos, e também, pelas suas diferentes vertentes: a recreação e lazer, a reabilitação e o alto rendimento». Todos temos consciência das vantagens da prática de actividade física, pela sua vertente lúdica, reabilitativa ou competitiva.

A sua importância tem sido crescente ao longo dos tempos e, nesta época caracterizada pela crise de valores, o desporto assume uma posição central. Tanto no que diz respeito à ocupação do tempo livre, como na prevenção de doenças, na procura de uma vida mais saudável, como também no cuidado com o corpo no sentido estético, cada vez mais em voga.

Através da actividade física a pessoa com deficiência tem a oportunidade de obter maior acessibilidade social, pois assim pode mostrar as suas capacidades e potencialidades. De forma a valorizar-se pessoalmente, pela participação social em busca da tão desejada dignidade cívica. Os seus grandes objectivos resumem-se essencialmente à eliminação de obstáculos, que parecem muitas vezes impossíveis de transpor, mas através da sensibilização e informação da opinião pública, podemos promover a tão desejada mudança de atitudes da população geral face às pessoas com deficiência.

A pessoa com deficiência tem o direito à cidadania, a estar inserida na comunidade, social e economicamente. O que muitas vezes acontece é que esses direitos não são respeitados. A aquisição de autonomia é por si só um grande contributo para a realização pessoal.

O que acontece é que «nem sempre se está consciente de que a possibilidade de um homem fisicamente diminuído alcançar ou manter uma posição de liderança ou de elevado poder social e dignidade é um fenómeno relativamente recente no desenvolvimento das sociedades» (Elias & Dunning, 1991, p. 298), é necessário informar e preparar a sociedade para esta realidade.

Com o desenvolvimento e afirmação do desporto como espectáculo, acentua-se a alteração dos valores éticos, o desporto deixou de estar centrado no atleta e passou a centrar-se nos chamados "donos do jogo", isto é, nos empresários, dirigentes ou simplesmente dos accionistas das empresas que gerem o próprio espectáculo desportivo.

No desporto-espectáculo impera a vertente competitiva, nesta não podemos deixar de referenciar o rendimento, performance e superação que lhe estão inerentes. Como refere Constantino (2002, p. 6) «o rendimento desportivo, base sobre a qual se estrutura a competição e se constrói o

espectáculo, não tem apenas um valor desportivo: encerra também um valor económico e em algumas circunstâncias, uma clara dimensão política». O desporto de rendimento deveras exigente, implicou que o valor estético no desporto se desenvolvesse, visto que este encontrou no desporto um importante veículo de promoção.

A busca do parecer bem, estar na moda, de acordo com os padrões de beleza vigente, sem sacrifícios, sem esforço ou culto do corpo sem actividade física imperam. Garcia (1999a, p.6) entende o desporto como «...uma manifestação lúdica, provida de uma ideia de rendimento em busca de uma constante superação, sendo que estas três categorias se expressam pelo corpo em esforço». Mas considera igualmente que na actualidade o corpo em esforço é glorificado por uns e negado por outros.

Qualquer acontecimento desportivo se torna um espectáculo sempre que um grande número de espectadores se encontra a assistir. Tendo como paradigma o futebol, dedicamos um espaço no nosso trabalho ao Espectáculo Desportivo, porque a sua evolução e desenvolvimento foi a grande responsável pelas transformações sofridas pelo próprio desporto, que se deve a «...razões de ordem política, económica e cultural». (Constantino, 1990, p. 76). O que pressupõe muitas vezes situações de violência, fruto da realidade social, tal como a alteração dos princípios éticos do desporto. Estamos a falar obviamente do doping, da corrupção e da “comercialização” de atletas.

Preocupados com esta temática, iremos debruçar-nos sobre o público no desporto para pessoas com deficiência, procuraremos encontrar as reais razões para a fraca adesão, saber o porquê, através da colocação de questões simples e directas e descobrir soluções pontuais que mudem esta realidade.

Porque um espectáculo desportivo é sempre original e impossível de ser repetido, os meios de comunicação social possuem a capacidade de o tornar regular e familiar. A programação mediática assenta em imperativos de ordem

económica, política e social. A influência política rege-se pelo controlo económico, pelo enquadramento legal, no que respeita principalmente às instalações e equipamentos.

Não poderíamos estudar o público sem falar em emoção, mais do que uma emoção individual é uma emoção partilhada. Nesta perspectiva, concordamos com Viana (s/d, p.282) quando nos diz que «a competição, quando praticada com excessiva vivacidade, e numa atmosfera psicológica excitante e excitada, produz uma tensão emocional muito forte», damos quase sempre como exemplo a emoção sentido nos jogos de futebol, visto ser nesta modalidade, na versão espectáculo, que se evidencia pelo número de espectadores.

Para Moura e Castro & Garcia (1999, p.211) poderão ser quatro as principais razões que levam à falta de público nos acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência, são elas: a emoção, a identificação, o valor estético e a performance, mas chegam à conclusão que a aderência do público depende essencialmente de uma dupla perspectiva, «...sem emoção ou sem um completo processo de identificação é difícil haver público».

Os mesmos autores (p.204) consideram que «...sem a divulgação por parte dos *mass media*, acontecem sem que alguém depois relate esses feitos admiráveis», com base nesta afirmação e no facto de vivermos numa época baseada na imagem, onde os meios de comunicação social assumem um papel deveras importante, decidimos incluir a **divulgação** nas possíveis razões para a falta de público no desporto praticado por pessoas com deficiência. No sentido de completar as ideias dos referidos autores e indo de encontro aos ideais da sociedade actual, procuraremos encontrar dados que confirmem, ou não, todas estas afirmações, esclarecendo assim todas as dúvidas.

Como afirma Brito (1998, p.266) «...tudo se passa na praça pública, publicitado e criticado permanentemente pelos meios de comunicação social

segundo os mais diversos valores (habilidade, classe, categoria, devoção...) adorado e odiado por um público que é o seu ou contra si e o seu grupo e tudo aquilo que representam, público que aplaude, insulta, idolatra, mas também agride e destrói». O público, no desporto, tem a possibilidade de participar, e pode mesmo influenciar o resultado, na forma como se expressa e a emoção com que assiste ao espectáculo desportivo está directamente relacionada com a identificação ou filiação, com um clube ou determinado atleta, que culmina com a glória ou frustração perante o resultado.

«A toda poderosa e influente comunicação social é uma extraordinária e temível força de pressão. Ela ausculta, perscruta, observa, interroga e divulga tudo de bom e de mau que se passa no desporto, e sobretudo com as suas personagens. Se pode ser por uma potente força de promoção, fama, lucro, pode também funcionar no sentido inverso» (Idem, p. 268). O público, geralmente, não põe em causa a legitimidade dos meios de comunicação social, apesar de denunciar a sua ausência de responsabilidade, as informações falsas ou não confirmadas e o excesso de liberdade que muitas vezes invade a vida privada de alguns.

Tudo em virtude de vender e aumentar os níveis de audiência, algumas das vezes sem moral, sem as exigências deontológicas. Principalmente no que concerne à televisão, onde as imagens cativam e marcam mais que todas as palavras, ou frases feitas que predominam.

Este trabalho procura ultrapassar uma lacuna na investigação em Portugal sobre o tema em questão, no sentido de contribuir para a construção de uma sociedade que se quer para todos, para que os direitos humanos sejam respeitados, neste caso especial, o direito à diferença. Não existem duas pessoas iguais, todos somos diferentes, temos necessidades específicas, independentemente da condição de cada pessoa.

Optámos por utilizar, em todo o trabalho, o termo “pessoas com deficiência”, apoiados na opinião de Moltó (2001, p.13) e por nós considerado o mais correcto quando abordamos os assuntos relacionados com esta população, porque é uma referência essencialmente à pessoa como um Todo, relegando a sua deficiência para um segundo plano, procurando que esta não invada a pessoa em si. É necessário sublinhar o termo “pessoa com deficiência”, usando-o universalmente, porque uma terminologia inadequada acaba por acentuar as diferenças, estereotipar, criar estigmas e marginalizar, sendo prejudicial à população.

Utilizaremos um questionário de resposta livre e directa, os dados serão tratados através da Análise de Conteúdo, de forma a analisar as razões mais enunciadas e daí retirar as conclusões possíveis, procurando encontrar uma solução plausível para o referido problema. Aplicado aos alunos do 3º ano dos principais Estabelecimentos de Ensino Superior do Distrito do Porto.

Objectivo Geral:

- ✓ Identificar as razões que levam à falta de público no desporto para pessoas com deficiência.

Objectivos Específicos:

- ✓ Questionar e recolher os motivos apresentados pela população inquirida;
- ✓ Conhecer e compreender as reais razões que levam à falta de público no desporto praticado por pessoas com deficiência;
- ✓ Confrontar as relações existentes entre as razões apresentadas e as descritas na literatura;
- ✓ Face aos resultados obtidos, propor medidas que visem a solução do problema;
- ✓ Constituir um documento de referência para futuros trabalhos nesta área.

II – Enquadramento Teórico

1. Desporto para Pessoas com Deficiência

1.1. A Problemática do Desporto para Pessoas com Deficiência

«A educação física e o desporto, elementos essenciais da educação e da cultura, devem desenvolver as aptidões, a vontade e o auto controlo das pessoas humanas e contribuir para a sua inserção social».

(Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO, 1988, Artigo 2º, 2.1)

Ao longo dos tempos a sociedade portuguesa reclama cada vez mais atenção no que respeita à deficiência, e ao desporto para a população com deficiência. O termo reabilitação, passou a ser encarado como habilitação, para a inclusão na sociedade. A alegria, o prazer e sentimentos de brincadeira existem em praticamente todas as actividades desportivas, independentemente das pessoas que as praticam e da sua condição, variando apenas no grau de importância que essa pessoa valoriza.

O desporto das pessoas com deficiência engloba um conjunto de práticas semelhantes ao desporto em geral, mas tem uma identidade própria. Esta deve ser reconhecida e respeitada, possui legislação específica que assegura os direitos e protege as pessoas com deficiência nos mais variados domínios sociais. A aquisição de maior autonomia é primordial para a realização pessoal e social, podendo assim a pessoa com deficiência assumir melhores níveis de acessibilidade social.

Notamos uma evolução no que respeita ao valor qualitativo da pessoa com deficiência, a sociedade começa a compreendê-la como pessoa, e menos pelo seu aspecto físico, mas ainda rodeada por tabus e preconceitos. Essa progressão qualitativa afecta também o desporto, não só aparecem resultados gratificantes como se vêem cada vez mais técnicos qualificados à frente das equipas, resultado de instituições académicas que realizam cada vez mais congressos, seminários, especializações e mestrados.

Esta mudança de atitudes deve-se, essencialmente, ao contacto directo com pessoas com deficiência, o que faz com que haja um conhecimento mais alargado e objectivo da própria deficiência e vivência da mesma por parte das pessoas sem deficiência.

Uma modificação que pode derivar do que é transmitido pelos meios de comunicação social. Não podemos colocar as pessoas com deficiência num grupo homogéneo, pois não existem duas pessoas iguais e cada caso é um caso.

O desporto para pessoas com deficiência surgiu como meio de tratamento e reabilitação dos lesionados vértebro-medulares da IIª Guerra Mundial, numa vertente terapêutica e recreativa. Em 1948, na vertente competitiva, realizaram-se os primeiros jogos de Stoke Mandeville, que coincidiram com os XIV Jogos Olímpicos de Londres. Só a partir de 1960 é que assistimos a uma mudança de atitudes no âmbito da integração, na medida em que Jogos Olímpicos e os Paralímpicos passam a partilhar a mesma cidade, Roma, acto que se mantém até aos nossos dias.

Apesar das inúmeras dificuldades, o desporto para pessoas com deficiência tem protagonizado uma história de sucesso. Mesmo quando comparado com o desporto praticado por pessoas "ditas normais", aquele nos últimos tempos tem conseguido obter melhores resultados, que são facilmente traduzidos em medalhas. Os exemplos mais recentes das prestações de

sucesso dos nossos atletas com deficiência, são: o Campeonato Mundial de Basquetebol para atletas com Deficiência Mental – 2002, realizado na Madeira, em que Portugal foi campeão na Selecção Nacional Masculina; o Campeonato Mundial de Atletismo para Deficientes – 2002, realizado em Lille – França, onde Portugal arrecadou doze medalhas, sendo três de ouro, seis de prata e três de bronze; A Taça da Europa de Natação para Deficientes – 2003, em que Portugal conseguiu doze medalhas, cinco de ouro, quatro de prata e três de bronze; O I Europeu de Atletismo para Deficientes em Assen - Holanda – 2003, onde Portugal arrecadou vinte e uma medalhas, sendo seis de ouro, dez de prata e cinco de bronze.

O desporto praticado por pessoas com deficiência mobiliza cada vez mais especialistas, nomeadamente no treino, com a adaptação das modalidades e a criação de novas formas de estar no desporto. Vão-se conseguindo cada vez mais benefícios para a própria pessoa, levando-a a ultrapassar mais barreiras.

Está mais que provado, e inúmeros autores já afirmaram (Bento; Brito; Garcia; Marques), que o desporto traz benefícios para a pessoa com deficiência, porque ajuda a promover e a melhorar a sua qualidade de vida e proporciona a possibilidade do desafio e de elementos de risco, que fica muitas vezes privado devido à super-protecção dos familiares. Permite a obtenção de um conjunto de benefícios psicológicos, físicos, fisiológicos, sociais, entre outros.

O desporto é primordial para a pessoa com deficiência, na medida em que facilita a comunicação, o convívio, a realização pessoal, a auto-imagem, o auto-conceito e a autonomia. A sua prática desportiva regular contribui para a aceitação da sua deficiência, fazendo com que esta fique relegada para segundo plano, onde a pessoa sai beneficiada, pois começa a ter atitudes mais descontraídas face aos outros e a si própria. Ajuda a relativizar as suas limitações na medida em que valoriza e divulga as suas capacidades físicas.

Reforça a auto-estima, dando-lhe alegria de viver e qualidade de vida, com vontade para a acção, disponibilidade para se aproximar dos outros, numa tentativa de comunicação e convívio. Ao mesmo tempo que afasta todo o tipo de sentimentos mórbidos e atitudes pessimistas. Ou seja, promove uma acentuação das capacidades em desfavor das limitações.

As atitudes sociais face à pessoa com deficiência são importantes, pois influenciam na medida em que «favorecem ou dificultam a reabilitação, auto-estima assim como a identidade e a auto-determinação» (Moltó, 2001, p.12). Baseados no mesmo autor afirmamos mais uma vez que a mudança das atitudes sociais favoráveis está directamente relacionada com o contacto directo com pessoas com deficiência, com o conhecimento objectivo da deficiência e com a vivência da mesma por parte das pessoas sem ela.

Para continuar a evoluir neste sentido, torna-se necessário criar uma estreita relação entre a realidade das pessoas com deficiência e os responsáveis da comunicação social de forma a passar ao público em geral uma imagem real e concreta.

A nossa sociedade está muito ligada ao mundo do trabalho, quem não o tem vive num isolamento social, desligado do mundo. Tudo o que foge da normalidade, do quotidiano, é excluído.

Para que haja integração social, para muitos, um dos aspectos primordiais da sua vida é o emprego, porque através dele nos relacionamos e realizamos socialmente. Também o cidadão com deficiência encontra na profissão uma condição importante para a sua integração social. O problema surge quando estas pessoas procuram um emprego ou uma ocupação, são um grupo particularmente afectado pela dificuldade de acesso ao emprego.

As pessoas com deficiência que estudam ou de alguma forma trabalham, atingem a tão desejada realização pessoal, porque se sentem

realmente úteis e com relativa importância na sociedade. Não podemos falar em integração social, quando esta pressupõe discriminação e marginalização, muito menos falaremos em inclusão.

Estamos numa sociedade que lida mal com a diferença e precisa de outra sensibilidade pedagógica para atender às necessidades especiais dos que, apesar de diferentes, gozam ou deviam gozar dos mesmos direitos. É necessário elevar a consciência colectiva no sentido de que sem coesão social não pode existir desenvolvimento social. Este último só é possível se houver redução das desigualdades nos planos económico, cultural, social e também físico.

Se passarmos para a sociedade uma imagem positiva e retratarmos as pessoas com deficiência como membros activos, colaboramos assim para o desejado desenvolvimento da mentalidade social.

A lógica da sociedade actual baseia-se no rendimento, o desporto para pessoas com deficiência não foge a esta realidade e integra-se claramente nela. Vivemos numa época onde impera a excelência, em que ser bom já não é suficiente, numa sociedade extremamente competitiva, as pessoas são cada vez mais ambiciosas, procuram o êxito a qualquer custo.

1.1.1. Rendimento e Superação

«O que me interessa, fundamentalmente, a mim, é correr e saltar sempre mais do que eu próprio. Quando um homem bate o seu último recorde, atingiu o ponto máximo da sua realização pessoal».

(Costa, 1997, p.55)

Um dos símbolos do desporto moderno é a obsessão pelo recorde, integrado numa sociedade que exalta a eficácia, o rendimento e o progresso. «A modernidade identifica uma sociedade que privilegia a organização, o rendimento e o triunfo» (Afonso, 1997, p.15). Onde existe apenas uma direcção, a da conquista, o alcançar do melhor resultado, numa competição dura, bem caracterizada pelo desporto actual.

Desde sempre assistimos à evolução do Homem no sentido ascendente, baseada nestes pressupostos, não pode existir vida sem pressupor alguma forma de rendimento na actividade humana, este deve ser sempre no caminho da ética. Constantino (2002, p.12) define rendimento desportivo como sendo «o resultado possível da capacidade individual optimizada pelos recursos tecnológicos e científicos colocados à disposição do atleta».

O recorde, visto pelo seu significado antropológico, vai de encontro às necessidades de superação inerentes à vida humana, tornando-o, desta forma, indissociável do progresso. Leva-se a ideia de recorde até ao limite, ao ínfimo milésimo de segundo, na opinião de Rolim & Proença (1995, p.222) «É-se campeão por um milésimo de segundo, lapso de tempo esse que nada é mas tudo representa».

Qualquer atleta tem a aspiração de ir mais rápido, ser mais forte e chegar mais alto, mas não poderá esquecer que o seu corpo tem capacidades limitadas, «...nem todo o desporto, nem toda a dose de exercitação favorecem a saúde, podendo até acarretar doença» (Meinberg, 1990, p. 71).

Apoiamo-nos nas afirmações de Garcia (2002), quando nos diz que o desporto moderno, face à sociedade actual, foi desenvolvido de maneira a corresponder a três ideais, o **lúdico**, o do **rendimento** e o da **superação**. No desporto para pessoas com deficiência também têm de ser respeitados os três ideais, quer no aspecto físico, quer no aspecto da coragem. Temos o lúdico como pressuposto de alegria, prazer e brincadeira; o rendimento visto como condição humana e a superação como o aspirar ir mais longe, onde incluímos o ideal de recorde. Para alguns a autonomia é uma forma de superação.

Como refere Lopes (2001, p.62) o atleta com deficiência gosta de ser conhecido pelas suas características individuais e que a sua prestação seja avaliada e comentada de acordo com a sua deficiência, área e classe em que compete. Assim, permite que o desporto por elas praticado ocupe um espaço social equivalente ao do desporto em geral, em que a ausência de público desvaloriza a sua performance.

Torna-se indispensável que todas as tomadas de decisão sejam da responsabilidade das próprias pessoas com deficiência, pois só a elas diz respeito. Muitas vezes a sua opinião não é levada em consideração, no que diz respeito aos seus direitos, comportamentos, motivações e atitudes.

Baseados no autor anteriormente referenciado, afirmamos que actividade física adaptada, como o nome indica, pressupõe adaptações, estas podem ser de índole recreativa, técnica e/ou estrutural. Qualquer actividade desportiva é adaptada a uma realidade. Ao longo da vida as pessoas adaptam as suas actividades em função das suas necessidades, da sua idade, condição e objectivos. Todos os dias adaptamos os nossos planos de aula em função da

realidade da turma, somos todos diferentes e como tal temos necessidades diferentes.

Infelizmente existe um padrão, um modelo, e tudo gira em redor desse padrão, que no desporto é o masculino, em busca da excelência. Talvez porque nos séculos precedentes o desporto era exclusivamente praticado por homens, mas houve mudanças. Para o desporto deviam existir vários padrões e não apenas um, porque os seus praticantes formam um universo que prima pela diversidade, são homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, saudáveis, doentes, ditos “normais” e pessoas com deficiência.

Quase sempre existem grandes obstáculos face à prática desportiva das pessoas com deficiência, alguns dos motivos que se nos apresentam são a dispersão geográfica, a falta de meios e de locais próprios para a prática regular, a falta de apoios e as dificuldades económicas. Incluímos nesta problemática a influência política no que respeita não só às instalações e equipamentos, mas essencialmente ao controlo económico e ao enquadramento legal, muitas vezes esquecidos.

O desporto praticado por pessoas com deficiência, num nível competitivo, pode contribuir para a abertura de novos horizontes e ser um ótimo veículo de reconhecimento social. E depois? Quando os atletas de alta competição abandonarem a sua carreira, onde poderão encontrar um local para continuar a praticar, se a maioria dos ginásios apresenta inúmeros obstáculos.

O desporto para pessoas com deficiência procura igualmente o rendimento, a sua performance equipara-se a qualquer outro tipo de desporto, apesar de que na alta competição quem obtém os maiores resultados, ao mais alto nível, é quem tem mais visualização. Existe uma grande diferença no que corresponde à visualização de medalhas olímpicas e de paralímpicas, mesmo sendo estas em maior número, não conseguem atingir a visibilidade das

primeiras, embora estejam inerentes os mesmos valores desportivos e os mesmos ideais.

Os vencedores são heróis idolatrados e para sempre lembrados. Ninguém conhece os limites do Homem, porque todos os recordes têm vindo a ser ultrapassados. Nunca o ideal olímpico enunciado por Pierre de Coubertin *citius, altius, fortius*, atingiu o expoente verificado nos últimos anos. Como vem referido na Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO, 1978, no Artigo 3º, 3.3, «O desporto de competição, mesmo durante as manifestações de espectáculos, devem permanecer, seguindo o ideal olímpico, ao serviço do desporto educativo, seu corolário e glória. Ele deve estar livre de qualquer influência de interesses comerciais baseados na obtenção de lucros».

O Olimpismo ultrapassa o próprio desporto, é a união entre o corpo e o espírito, o ideal olímpico tem como objectivo conservar o equilíbrio entre os dois. «O movimento olímpico simboliza a contenda entre os ideais do Homem e a realidade em que vive» (Afonso, 1997, p.21). Em que os atletas suportam todo o tipo de contrariedades e ultrapassam todas as suas capacidades, esforçando-se por acumular todos os princípios morais.

Fica muitas vezes no esquecimento que em cada modalidade existem diversos escalões, e de tal forma variados que, em cada um deles, se atinge um resultado máximo e se batem muitos recordes. Só que estes não têm a mesma visibilidade, mesmo sendo praticados pelos atletas ditos “normais”.

O desporto para pessoas com deficiência tem esquecido um pouco o seu carácter reabilitativo, físico e social, dando mais importância ao rendimento e à alta competição, aliás como tem acontecido no desporto praticado por outro tipo de população. O desporto de alta competição mostra-nos que não é dado o verdadeiro valor à pessoa com deficiência, basta recordar número de vezes que um evento desportivo é mediatizado, comparando-o com outros. Bem como a indiferença demonstrada pela sociedade em assistir a esses eventos.

A atitude social tem tido uma mudança morosa, cheia de preconceitos e tabus. Os clubes geralmente integram equipas de desporto para pessoas com deficiência, apenas com fins lucrativos, isto é, tirando daí benefícios fiscais.

As pessoas com deficiência transcendem-se no desporto e são um exemplo para a sociedade. Transcendência é a qualidade do que é transcendente, ou seja, excelência, superioridade. Transcender é passar além de, ultrapassar, exceder, distinguir-se, elevar-se acima do vulgar. Partindo deste conceito, concluímos que a ideia de superação é em si uma forma de transcendência, visto que é a aspiração de ir mais além, ser mais rápido e/ou mais forte. À pessoa com deficiência, através da actividade física, é-lhe dada a possibilidade de se transcender.

Surge-nos aqui uma questão deveras importante. Quem decide o limite do rendimento e o grau de superação a impôr às pessoas com deficiência? Especialmente quando estas não conseguem sentir, verbalizar ou comunicar o seu estado, essencialmente quando estão em causa anormalidades do foro neurológico. Chegar ao limite, sem correr riscos de lesão, sem que se criem situações de embaraço ou humilhação, para que tal aconteça, é fundamental que se crie um elo de cumplicidade entre o atleta, o treinador, o psicólogo, o médico especialista, os pais ou familiares, para em conjunto se determinarem os limites.

A Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes (FPDD) é a entidade que nacional e internacionalmente representa todo o movimento do desporto para pessoa com deficiência e em particular o Movimento Paralímpico português. Foi constituída em 7 de Dezembro de 1988. É uma Federação multidesportiva, pessoa colectiva de direito privado, dotada de Utilidade Pública Desportiva, estatuariamente constituída sob a forma de Associação sem fins lucrativos, que prossegue a nível nacional o desenvolvimento da prática cumulativa de diversas modalidades desportivas no âmbito do desporto para pessoas com deficiência, em articulação e no respeito pelas Associações

Nacionais por área de deficiência suas filiadas. Na FPDD estão inscritos 199 Clubes, implantados nos 18 Distritos e nas duas Regiões Autónomas.

A FPDD intervém, nas vertentes do Lazer / Recreação, Rendimento / Competição, Terapêutica e Pedagógica.

Desde a sua fundação, é responsável pela preparação e coordenação da representação nacional em eventos desportivos internacionais, tendo estado Portugal representado com missões paralímpicas nos Jogos de Seul'88, Barcelona'92, Atlanta'96, Sydney 2000 e ainda com selecções nacionais nos diferentes Campeonatos do Mundo e da Europa, encontra-se em fase de preparação para Atenas 2004.

As modalidades do Programa Paralímpico são: Atletismo, Basquetebol em Cadeira de Rodas, Boccia, Ciclismo, Equitação, Esgrima em Cadeira de Rodas, Futebol de 5, Futebol de 7, Goalball, Halterofilismo, Judo, Natação, Rugby em Cadeira de Rodas, Ténis em Cadeira de Rodas, Ténis de Mesa, Tiro, Tiro com Arco, Vela e Voleibol Sentado.

Infelizmente verificamos que o movimento paralímpico não tem a mesma consideração social que o movimento olímpico. Como é que pode ser encarado de igual forma se estas duas competições se realizam em separado, se ambos fossem realizados em simultâneo, estaríamos a caminhar para a verdadeira integração social. Não percamos as esperanças, recordem-nos do tempo em que havia uma separação entre os jogos praticados por mulheres e por homens, os tempos fizeram evoluir as mentalidades e alterar essa realidade. Esperaremos que aconteça o mesmo com o desporto para pessoas com deficiência.

No paralimpismo os ideais de rendimento, superação e progresso estão igualmente representados, e constituem um verdadeiro apelo à máxima *citius, altius, fortius*. A pessoa com deficiência ao superar-se está igualmente a vencer

preconceitos e tabus, consideraremos então como uma **dupla superação**, como salienta Garcia (2002), a primeira superação é o facto de fazer uma actividade que na sua aparência lhe estava vedada, e a segunda no âmbito da procura de um nível cada vez mais alto, melhorar a cada dia para atingir o máximo. A naturalidade e a alegria dos atletas, para além do seu desempenho desportivo, são a prova evidente que as pessoas com deficiência são capazes de fazer coisas impressionantes. Ao invés, as pessoas “ditas normais” não são capazes de se superar no sentido de ultrapassar os preconceitos em relação às pessoas com deficiência.

No movimento paralímpico, tal como em qualquer actividade desportiva com esta população, apela-se aos verdadeiros valores desportivos, ao fomento da paz, de apoio, da entreajuda, da valorização pessoal através de mais saúde e mais qualidade de vida. No desporto em geral, estes valores parecem ter sido esquecidos, basta reparar nos casos de doping, na falta de honestidade, na instrumentalização e na “comercialização” dos atletas, factos que também começam a aparecer no desporto praticado por pessoas com deficiência.

Os atletas nunca deixarão de ser Homens, não se podem relegar para último lugar os aspectos humanos do desporto. Como refere a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO, no seu Artigo 7º, 7.1 «O desporto de alta competição e o desporto praticado por todos devem ser protegidos de todos os desvios. As sérias ameaças que pairam sobre os valores éticos, a sua imagem e o seu prestígio, fenómenos tais como a violência, a dopagem e os excessos comerciais, deformam a sua intrínseca natureza e alteram a sua função pedagógica e sanitária. As autoridades públicas, as associações desportivas voluntárias, as organizações não governamentais especializadas, o movimento olímpico, os educadores, os pais, os clubes de adeptos desportivos, os treinadores, os quadros desportivos e os próprios praticantes devem esforçar-se por erradicar estes flagelos. Os media têm um papel importante a desempenhar...». Os atletas portugueses brilharam nos Jogos Paralímpicos de Sydney 2000, não pelas medalhas, mas pela sua

aplicação, força de vontade e qualidade do seu trabalho, apesar de todas as contrariedades. Dignificaram as pessoas com deficiência e orgulharam a população portuguesa pelo prestígio alcançado. Deram um grande passo para o futuro.

O ano de 2003, proclamado como Ano Europeu das Pessoas com Deficiência, procurou contribuir para a modificação das mentalidades sociais. Exigindo assim igualdade de oportunidades, em vez de caridade, teve como principais objectivos: combater a exclusão social; promover a igualdade de oportunidades e defender os direitos humanos. Está em curso o projecto Super-Atleta para a Missão Atenas 2004 que tem como principais objectivos mobilizar o país, sensibilizando e comprometendo a sociedade com o espírito e a nobreza das causas do movimento paralímpico; permitir angariar os apoios necessários para a preparação adequada dos atletas; desenvolver uma estratégia de marketing e comunicação, que permita criar um programa de patrocinadores regulares da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes e garantir o futuro da Instituição e da sua missão.

A Missão Atenas 2004, foi constituída em 2001 de forma a desenvolver a preparação atempada da representação paralímpica portuguesa. Procurando melhorar as condições de preparação desportiva e social. A estratégia de comunicação deste projecto, passa pelo aumento da notoriedade do movimento paralímpico junto das entidades particulares e oficiais.

Estaremos no caminho certo? Será este o início da tão desejada mudança? Ainda faltam os campeonatos intercalares e outros eventos desportivos que acontecem sem lhes ser dada grande importância.

Como refere Garcia (2002), superação é a busca da perfeição, da excelência, para vencer tabus e preconceitos. Mas as diferenças corporais dos atletas, segundo o mesmo autor, sobrepõem-se à performance que esses corpos realizam.

1.1.2. Valor Estético

A cultura moderna dá uma maior valorização à estética, ao contrário do que verifica com a ética e com a conduta moral. É neste sentido que as pessoas, face à sociedade actual, começam a ter uma atitude negativa, falamos em crise de valores. Entendemos o desporto como uma das diferentes formas de arte pelo papel importante que tem no que respeita a dotar o ser humano de beleza.

O corpo, nem sempre foi entendido da mesma maneira, a sua valorização varia de acordo com os códigos culturais vigentes. Como afirma Garcia (1997b, p.63) «para lá dos hábitos, atitudes ou comportamentos adquiridos por uma aprendizagem, a cultura cria corpos mesmo naquilo que o corpo tem de mais somático», é a cultura, o local e a época em que nos encontramos que estipula os padrões de beleza, isto é, busca-se a beleza corporal em virtude do que é estipulado pela sociedade da qual fazemos parte.

A imagem é cada vez mais importante, no sentido em que, quando olhamos ao espelho, sabemos que não gostamos do que vemos porque os outros vêem-nos pelo exterior e não pela real beleza, a interior. Julgam-nos pela aparência, pelo ponteiro da balança, quando nos aconselham a fazer uma dieta ou a escolher produtos *light*, em busca de um corpo parecido com o de uma *top-model*.

Acreditamos que não existe um modelo corporal perfeito, pois o que pode ser socialmente aceite, pode não ser compatível com a saúde ou o bem-estar. Basta olhar para a comercialização de produtos “sem” calorias, denominados de *light* e *diet*, e nos inúmeros produtos adelgaçantes e fármacos que “fazem” emagrecer sem o mínimo esforço. O mesmo acontece com a procura da juventude eterna, porque o envelhecimento é considerado um mal

maior. Estão na moda os ginásios e as academias, que oferecem grande diversificação de actividades físicas, onde surge uma nova cultura corporal, e onde se encontra vedado o acesso à pessoa com deficiência, precisamente porque ela não se enquadra na imagem desejada.

Somos vistos pela imagem, «o corpo é, assim, como já indicamos, mais uma forma de simbolizar os nossos valores, a nossa cultura, a nossa identidade» (Idem, p.66), ou seja, é pelo corpo e atitude corporal, que mostramos o que os outros querem ver, mas não se vê pela aparência o que somos na realidade. Queremos completar o raciocínio com uma frase do mesmo autor, «Dá-se a conhecer o corpo mas oculta-se a identidade» (p. 69).

Os ideais de peso ou corpo perfeito têm variado ao longo dos tempos, nem sempre a excessiva magreza foi sinónimo de beleza, ao invés, houve o tempo áureo das gordinhas, não muito longínquo. Actualmente são perseguidos os paradigmas de juventude e de beleza, independentemente dos métodos que são utilizados para os conseguir alcançar. Cultiva-se acima de tudo a aparência, através do narcisismo, como uma estratégia defensiva contra os receios de abandono social. Como certifica Barbosa (1997, p.35) «O homem está cada vez mais virado para si mesmo, aumentando o sentimento de solidão». A afirmação pessoal é muitas vezes vista através do corpo, a pessoa escolhe um estilo de vida que, actualmente, se baseia na diversão, no prazer, no consumo e no amor a si próprio.

Porque o corpo é visto como um símbolo de valores, de culturas e como a verdadeira identidade pessoal, utilizado muitas vezes como um instrumento, uma máquina, para obter algo. «A sociedade urbana de hoje persegue um corpo jovem, magro e belo. É um corpo que cultiva a dimensão vertical, renunciando aquele que se curva e se vira para o chão» (Garcia, 1999b, p. 138), pelo contrário, nas zonas rurais procura-se um corpo robusto. Considerado como um “cartão de visita”, a aparência corporal, pode ser um instrumento de acesso a determinados lugares, hierarquias sociais ou

empregos, ou seja, «um objecto de prazer que nos identifica e nos facilita ou dificulta a relação com os outros» (Queirós, 2002, p.21).

A sociedade actual é baseada num triplo paradigma: beleza, juventude e saúde. A exaltação do corpo ideal, quando transportada para os meios de comunicação social, provoca nas pessoas o desejo de o alcançar, e reforça as ideologias da aparência, acentuando as diferenças e as desigualdades sociais. Vivemos numa sociedade altamente mediática, que assenta na imagem, onde o desporto comporta o espírito do culto do corpo, e na procura da imagem física perfeita.

Neste contexto, a pessoa com deficiência, que não possui o tão desejado corpo perfeito, fica à margem dos ideais de perfeição impostos pela sociedade, e é discriminada. «A sociedade ocidental urbana preconiza corpos esbeltos, dinâmicos, tónicos, morenos» (Idem, p.4). E a pessoa com deficiência não se enquadra na globalidade destes parâmetros.

A publicidade utiliza vulgarmente nos seus anúncios imagens de beleza e juventude, numa aparência saudável e dinâmica dos corpos. Apela ao consumismo, numa forma perfeita de sedução para os narcisistas e materialistas. Enquanto fizermos parte de uma sociedade materialista, que não respeita as individualidades, continuarão a haver distinções, isolamento e separatismo.

«O valor intrínseco e individual é a referência do momento. Cada atleta, cada jogador, cada indivíduo personaliza a sua prestação. A sua figura, a sua aparência, o seu estilo identificam-no.(...)É a era da estética a tomar a dianteira» (Afonso, 1997, p.17). O desporto, ao assumir-se como espectáculo a ser consumido pelo público, na promoção de vender o produto, atribui à imagem corporal e ao sucesso do atleta um papel fundamental.

Quando se apoia determinada equipa ou jogador, há a tendência a olhá-los pelo ponto de vista estético, que envolve as cores do equipamento, o modelo, a coreografia, as jogadas, o entusiasmo do público nas bancadas, a performance das claques, entre outras coisas. «Focalizar um olhar estético no Desporto significa colocar novos desafios a quem pratica e a quem vê, a quem faz e a quem refaz o espectáculo desportivo» (Lacerda, 2000, p.20). Nos dias que correm os praticantes de actividades desportivas não são apenas os cidadãos de uma determinada classe social ou de um escalão etário, possuidores de um corpo perfeito. São cidadãos comuns, com características individuais muito diferenciadas.

A lógica do desporto para pessoas com deficiência integra-se na lógica da sociedade actual e no rendimento. «...cremos que a fraca adesão do público a estes eventos desportivos deve-se às diferenças corporais dos atletas» (Moura e Castro & Garcia, 1998, p.203). Porque vivemos numa época em que a importância do corpo tem um papel preponderante, principalmente no que respeita ao valor estético, e não no que respeita à performance que esses mesmos corpos realizam.

O belo é modelo e é divulgado, socialmente aceite, ao contrário do que acontece com o corpo do atleta com deficiência, que à partida não é uma figura atraente. Persequimos um corpo que se exige como perfeito, procuramos esconder ou eliminar o que está a mais, somos vistos, reconhecidos e lembrados pela aparência física. Afinal onde estão os valores éticos, morais e sociais? Estes são mais que o próprio corpo em si. Será um amputado menos Homem, apenas porque tem menos corpo? «A beleza das pessoas depende dos olhos que a contemplam» (Costa, 1997, p.201).

Se o valor estético for compreendido pelo actual ideal de beleza, aí existe rejeição no que compete à pessoa com deficiência, mas se ele for visto pela transcendência e revelação humana a pessoa com deficiência estará lá enquadrada, sem dúvida.

Só assim estarão em pé de igualdade quando a beleza exterior deixar de ser mais importante que a beleza do movimento, que a transcendência e o alcance da melhor performance. Mas a beleza intrínseca do desporto também não é por si só suficiente para atrair as grandes massas, como referem Moura e Castro & Garcia (1998, p.208) «...as modalidades consideradas mais intimamente ligadas à expressão estética, não são aquelas que mais público atraem. O futebol, mesmo quando mal jogado, consegue assistências que, por exemplo, a ginástica rítmica não imagina poder ter ao seu redor». O mesmo acontece se compararmos os sexos, apesar da beleza feminina, esta é preterida pelo desporto no masculino.

As conclusões que os autores citados anteriormente tiram são que existe uma dupla perspectiva no que compete à aderência do público a determinado espectáculo desportivo, ou seja, é pela **identificação** e pela **emoção** que as pessoas assistem.

1.1.3. Identificação

O processo de identificação, do tipo heróico, tem em conta a performance e uma dimensão corporal. O que faz com que não seja atractivo, identificarmo-nos com alguém que corporalmente não corresponde ao ideal de perfeição. Pode provocar sentimentos de rejeição, mesmo sendo esse atleta um campeão. Ninguém se quer identificar com alguém que foge ao padrão normal no que respeita à estética, «...gostaríamos que este processo de identificação do público para com os atletas não se baseasse em questões estéticas, nem tão pouco nas performances imediatas, mas sim na identificação do homem e da marca como percepção do esforço e da superação alcançada» (Calvo, 2001, p.123).

Mesmo quando ganham inúmeras medalhas, os atletas com deficiência não são encarados como verdadeiros heróis, pela sociedade em geral. Os seus pares admiram-nos e vêem neles um exemplo a seguir, são os únicos e verdadeiros fans desportivos que têm. Por isso são atletas que não têm a consciência do que é ser herói, porque não são tratados como tal pela sociedade, apesar dos seus feitos transcendentais.

Associamos o processo de identificação com um herói carregado de virtudes, perfeição, saúde, beleza e juventude. O corpo da pessoa com deficiência não tem a beleza publicitada pelo ideal moderno, mas como ideal humano de superação é o melhor modelo.

Reduzida identificação pressupõe reduzida assistência aos acontecimentos desportivos. Actualmente o corpo assume uma importância abismal, vivemos numa época em que todos procuram praticar uma actividade desportiva, procuram atingir os padrões definidos pela sociedade em busca do ideal corporal e combate-se o envelhecimento a todo o custo. Queremos identificar-nos com atletas carregados de virtudes, o que pressupõe uma dimensão corporal sem "imperfeições". Completaremos o nosso raciocínio sobre identificação, mais à frente, quando abordarmos o tema: Os heróis do Desporto.

O público em geral tem falta de interesse em assistir a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência porque não se identificam com os seus protagonistas, o que implica falta de emoção naqueles acontecimentos.

1.1.4. Emoção

«Sem emoção ou sem um completo processo de identificação é difícil haver público, quer se trate do desporto com deficientes ou com pessoas sem essa conotação».

(Moura e Castro & Garcia, 1998, p.211).

A emoção do espectáculo desportivo prende-se com o nível de prestação do atleta, com a incerteza do resultado e com a magia e beleza do acontecimento. A emoção momentânea é suficientemente atractiva à medida que nos identificamos ou gostamos de determinado clube ou atleta.

O envolvimento emocional é proporcionado pela conjugação das características estruturais do próprio jogo, tais como a imprevisibilidade, a alternância entre ataque e defesa, confronto físico, etc. Tendo como paradigma o futebol, este gera emoção em quem assiste, pela linguagem simples, pela importância atribuída ao factor sorte, pela competição em si com divisão de tarefas pelos jogadores, e pela simples emoção de conduzir à felicidade de uns, que corresponde à infelicidade de outros. «O desporto provoca entusiasmo na medida em que funciona como mecanismo de compensação» (Freitas, 2000, p.36). A multidão de espectadores sente excitação e tensão pelo confronto em si e pela perícia dos jogadores. Numa actividade de risco, busca-se o desconhecido e a incerteza provoca maior emoção, a coragem é posta à prova, desafiando o perigo.

Se os meios de comunicação social relatassem a verdadeira beleza do desporto para pessoas com deficiência, provocaria nos cidadãos emoção suficiente para que se deslocassem, a fim de assistirem a acontecimentos

desportivos por elas praticados. Iriam vê-los como verdadeiros atletas, não com piedade, esquecendo a sua deficiência.

O público sente emoção ao assistir a um determinado evento desportivo onde participe a equipa do seu clube preferido, e se aquela ganha, então acontece uma explosão de alegria. Uma manifestação emocional que nada tem a ver com a dos outros tipos de espectáculo, como são exemplos o teatro ou o cinema, porque neste tipo de espectáculos os espectadores não interferem directamente.

A imensidão de adeptos que acompanha os maiores clubes desportivos, vibra ao ver os "seus" atletas jogar, essa emoção é fruto de um processo de identificação, também abordado neste trabalho. Estes são motivos suficientes para fazer as pessoas se deslocarem aos complexos desportivos. Quanto ao desporto praticado por pessoas com deficiência, apesar de provocar emoção em quem assiste, o nível de expectativa, comparando com o exposto anteriormente, é muito baixo, tal como o processo de identificação, não atraindo o suficiente para o público se deslocar.

O público prefere a visibilidade à interpretação e aquela diz respeito ao desporto-espectáculo. Enquanto o desporto for visto apenas pela vertente competitiva/performativa, as expectativas criadas serão baixas, não atraem o suficiente, prejudicando desta forma o desporto em geral.

Acabámos de expor um conjunto de factores que pode levar à fraca adesão de público em acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência. Quando não se tem assistência, a desmotivação surge de forma mais arrebatadora, o que pode causar igualmente uma fraca adesão das pessoas com deficiência à prática de actividade desportiva, esta pode ser de índole recreativa ou competitiva. Existem também outros motivos, nomeadamente o desconhecimento de oportunidades, locais e programas, falta de recursos económicos, falta de iniciativa, dificuldades de acesso, de

transporte e de tempo. Para formação são necessários locais e técnicos com a formação adequada para que potenciem a autonomia dos atletas e não a contrariem.

Quando nos deslocamos a entidades desportivas e organismos sociais mais generalistas, verificamos que estes não acolhem a maioria das pessoas com deficiência. O que se torna mais preocupante quando são adultos e estiveram na alta competição, vêem-se assim sem local para dar continuidade à sua prática desportiva.

Em função do que foi comentado, não poderiam deixar de dedicar um espaço da nossa revisão bibliográfica à ética desportiva cada vez mais abordada e posta em causa, justificada pelas palavras de Garcia (2001, p.83) «O que justifica o desporto não é uma determinada condição física ou sensorial mas a condição de se ser humano». Como tal, é inconcebível a existência humana e a própria sociedade sem ética.

1.1.5. Ética Desportiva

«A ética desportiva representa a normalidade dos comportamentos desportivos voluntários, consonantes com a ética social vigente».

(Marques, 1990, p.146)

A ética competitiva nasceu na sociedade grega, onde os atletas ambicionavam acima de tudo, o êxito, a fama e essencialmente a vida eterna. A sociedade grega, caracterizada pela sua competitividade, promovia um indivíduo extremamente ambicioso.

A ética é a verdadeira ciência dos comportamentos morais, a palavra tem origem grega, proveniente do vocabulário *éthos*, está relacionada com as atitudes, o modo de ser e o carácter do Homem, no que respeita a si próprio e aos outros. Longe vai o tempo em que o prémio do vencedor se resumia a um ramo de oliveira silvestre, não se lutava por dinheiro, mas simplesmente pela virtude e sua preservação. Não poderemos deixar de referir, em consonância com a opinião de Cid (2002, p.36) que tanto o conceito de ética, como o de moral, não são estáticos, variam de acordo com as circunstâncias da época em que se vive, «o conceito de ética aparece associado ao campo do ideal e a moral ao campo do possível, ou seja, a moral é o caminho que permite ao homem chegar ao ideal (ética)» (Idem, p.37).

Na sociedade moderna, a ética considera o Homem como o valor central. Existe ética em tudo, são exemplos a ética da política, do ambiente, profissional, das relações pessoais e sociais, do desporto, etc., como afirma Beresford (1994, p.34) «...pode haver muitas interpretações ou múltiplos modelos éticos, pois a ética, enquanto uma construção teórica, é passível de uma pluralidade de interpretações que se refiram, em muitos casos, ao mesmo fato», explanaremos neste trabalho a ética desportiva.

É com o aparecimento do movimento olímpico que surge a verdadeira dimensão ética do desporto. Esta tem a ver com a livre aceitação das regras codificadas da modalidade em si, na livre escolha de comportamentos, na noção de autonomia, no respeito pelo adversário, no saber ganhar e saber perder, na serenidade, generosidade, paciência, etc. Com o movimento de restauração das Olimpíadas, final do século XIX, surge o conceito, tão falado na actualidade, *Fair Play*, associado ao espírito desportivo, devido ao desvirtuamento da ética desportiva. «É pois numa sociedade em crise que os valores da lealdade, da verdade, e da moral se devem considerar como bandeira do *Fair Play* no Desporto, com tanta agudeza e pertinência» (Ferreira, 1998, p. 214).

Segundo Marivoet (1998, p. 197) «Os princípios éticos do Desporto Moderno, assentam na igualdade de oportunidades face a uma competição baseada na confrontação-cooperação, onde se imprime um código de lealdade de uns para com os outros, e no reconhecimento de instâncias normativas e disciplinares que fiscalizam e regulam os quadros competitivos». Na realidade aparecem com alguma frequência comportamento anti-éticos, e o desporto praticado por pessoas com deficiência não é excepção. São exemplos a violência, o doping, falseamento de resultados desportivos por manipulação, venda e suborno dos seus participantes, falsificação de documentos, entre outros.

O seu aparecimento está directamente relacionado com a competição profissional, os problemas éticos encontram-se essencialmente nas modalidades com profissionalização, através de actos de violência, utilização de substâncias dopantes e comportamentos que abusam das cargas físicas dos atletas, esquecendo das suas capacidades biológicas, tudo na procura da vitória a qualquer preço, sem olhar a meios para atingir o tão desejado fim: vencer.

«O desporto só terá valor verdadeiramente moral e formativo, se o respectivo praticante se integrar, desde início, nos princípios éticos que devem informar tal actividade» (Viana, s/d, p. 271). Na opinião do referido autor, é preciso ligar o desporto a valores éticos pessoais, isto é, à honestidade; alegria; modéstia; paciência; fortaleza; temperança e pureza; e ligá-lo igualmente a valores éticos colectivos, como a justiça; liberdade; prudência; ordem; moderação; deferência; tolerância; camaradagem e simpatia.

No desporto praticado por pessoas com deficiência, surgem situações que nada têm de ético, começam a aparecer casos de atletas com deficiência que mais tarde se prova que não as têm, ou cujo grau de deficiência não corresponde ao que lhe é atribuído para competir em determinada classe. Sem falar nos casos de doping, estas situações vão contra os ideais desportivos e,

principalmente, contrapõem os motivos que originaram o desporto para pessoas com deficiência.

Para assegurar a igualdade de oportunidades, foram criados no desporto, sub - sistemas de forma a formar grupos o mais uniformes possível, mantendo assim o espírito desportivo. Baseados nas afirmações de Tavares (2002, p.50) consideramos que esses sub-sistemas são hierarquizados em classes pouco permeáveis e incompatíveis com a definição de ética. Como tal, não consideramos que exista a tão falada igualdade de oportunidades, apesar dos sub-sistemas, tomemos como exemplo, em competições internacionais, os países participantes possuem condições desiguais, no que respeita a recursos materiais e de conhecimento, dependente do grau de desenvolvimento de cada país. Mesmo quando falamos em drogas eficientes e capazes de não serem detectadas pelo controlo anti-doping, visto a diferença tecnológica entre alguns países ser bastante marcada.

A verdadeira ética resume-se à noção de autonomia, no livre arbítrio da escolha de comportamentos. Segundo Garcia (2002) as componentes inalienáveis da ética desportiva são: Sentido Lúdico; Sentido Agonístico, Busca do Belo; Busca do Bom e Interiorização de um Sistema de Valores. A ética desportiva assenta na luta pelo direito ao desporto, pelos valores humanos, pela realização humana, independentemente da pessoa que o pratica e das suas características, que são únicas. Sem que se criem situações humilhantes ou de pura piedade, procurando fazer respeitar sempre as regras, tendo em conta os limites de cada atleta.

Qual será a ética para o desporto para pessoas com deficiência? É lógico que é a mesma para o desporto praticado por qualquer outro tipo de população. Sobre esta afirmação, Marques (1990, p.149) apresenta-nos as conclusões de um trabalho de análise comparativa dos comportamentos éticos de atletas olímpicos e atletas Special Olympics, através da observação de imagens. Procurou-se saber se o atleta com deficiência teria a possibilidade de

manifestar comportamentos éticos no desporto, e se estes seriam iguais ou semelhantes aos dos atletas olímpicos. A análise demonstrou que «os atletas Special Olympics apresentam comportamentos éticos iguais ou superiores, em todas as categorias e para qualquer modalidade, aos atletas olímpicos».

A quem interessa realmente o desporto praticado por pessoas com deficiência? Apenas aos seus praticantes e familiares, ou à sociedade em geral?

Para haver abertura social devia haver a mesma projecção por parte dos meios de comunicação social. É necessário que a notícia seja o mais concreta possível porque possui características diferentes, é um desporto que está organizado segundo os graus de deficiência e não apenas por modalidades. O que exige à partida conhecimento aprofundado, tais são as inúmeras categorias e classes.

Em Portugal ainda existe falta de cultura desportiva. Poucos clubes aceitam pessoas com deficiência, é nas Associações especializadas que os atletas encontram a oportunidade de fazer aquilo que gostam, apesar dos precários recursos financeiros.

Apenas o desporto-espectáculo consegue público, com número significativo nas suas bancadas. Tentaremos, de seguida, compreender as razões que levam as pessoas a “encher as bancadas”, o que as move, para ter um ponto de referência na resolução da problemática do desporto onde é notória a falta de público. Nada melhor que analisar o futebol, este sim é “produzido” na vertente espectáculo.

1.2. Desporto-Espectáculo

1.2.1. O Futebol como Espectáculo de Massas

«Elitista, no início, massificado e profissionalizado num outro momento e, agora, empresarial, é visto pelos estudiosos ou como uma arte ritualizada que propicia à massa a experiência da igualdade e da justiça social, ou como um espaço só aparentemente democrático, pois mascara o desnivelamento das relações sociais, económicas e políticas da nossa sociedade que, pelo futebol, fala, revela-se e desvenda-se».

(Ramadan, 1997, p. 45)

Procuraremos entender o que leva a generalidade das pessoas a assistir aos acontecimentos desportivos, isto é, o que na realidade as mobiliza. A partir daí teremos a base para compreender as razões para a falta de público nos desportos praticados por pessoas com deficiência.

Continuamos o nosso trabalho com uma breve abordagem ao futebol profissional, não poderemos falar em público e em espectadores desportivos sem referir toda a importância do “desporto rei” para a comunidade desportiva e a sociedade em geral, consideramos este o ponto de partida, talvez mesmo a única forma de poder comparar.

O futebol é, nos dias de hoje, o desporto de entretenimento que movimenta massas, com todo o aparato de espectáculo é uma complexa

unidade social. A sua característica mais emocionante é o facto de ser uma modalidade rápida e fluente, marcada pela capacidade de improvisação.

Segundo Murad (1995, p.115) «a importância sociológica do futebol está no facto dele ser jogo e, mais do que uma modalidade de jogo, o futebol é o jogo por excelência, tradutor juramentado de culturas e sociedades humanas». Procuramos aqui entender o que leva as pessoas a assistirem, com tanto entusiasmo e empenho, a encontros de futebol, em detrimento de outras modalidades.

No âmbito da sociologia, citando Caillois (1990, p.102) «...um jogo que determinado povo prefere, pode, por seu turno, servir para definir alguns dos seus traços morais ou intelectuais, fornecer uma prova de exactidão da sua descrição e contribuir para a tornar mais verídica, ao acentuar os perfis daqueles que se dedicam a esse jogo». Isto é, os jogos caracterizam uma dada civilização numa dada época, traduzindo a sua fisionomia geral, no que respeita a preferências, fraquezas e linhas de força. Através da análise do desporto actual conseguimos compreender as características da sociedade moderna, como são exemplos o progresso ilimitado, ou seja a sede de alcançar recordes cada vez mais altos, os próprios dramas sociais, emergentes da revolução industrial, provocando uma mudança nos valores éticos provenientes da modernidade.

Não podemos deixar de referir que os aspectos empresarial e económico do futebol têm crescido em detrimento de outras valências e à custa da fragilidade destas, provocando assim muitos desequilíbrios. As entidades que gerem o espectáculo desportivo deixaram de ser exclusivamente desportivas, devido à sua enorme mediatização, ao facto de ser possível ser publicitado à escala mundial, atraiu empresas não desportivas, relegando para segundo plano o papel das Federações Desportivas Internacionais no que compete à difusão, patrocínio e comercialização na organização dos grandes acontecimentos desportivos.

O espírito do jogo é alterado no momento em que é preciso pagar quantias exorbitantes para se assistir a um jogo de futebol. O dinheiro é o resultado do espectáculo, é por ele que surge, principalmente o espectáculo televisivo. Como afirma Constantino (1990, p. 76) o desporto é «a maior empresa mundial de espectáculos que se conhece», consegue atrair pessoas de todas as classes e categorias sociais em qualquer parte do mundo.

Mas porque será que o futebol tem muitos espectadores? Na maioria dos países, é uma modalidade geralmente praticada nos piores meses de Inverno, o que pressupõe que os espectadores fiquem muitas vezes desabrigados da chuva e de pé. Apesar destas más condições, as pessoas quase não se queixam, para muitos essas são as condições ideais para mostrarem a sua bravura e valentia, um sofrimento necessário, é como que estar ao lado dos jogadores que “sofrem” no terreno de jogo, actualmente tem-se assistido a grandes melhorias nas condições dos estádios, devido ao investimento das empresas que gerem o espectáculo desportivo.

Baseamo-nos em Morris (1981, p.94) para compreendermos esta paixão pelo futebol, teremos que perceber a estrutura do próprio jogo. «Cada desafio é uma contradição, ao mesmo tempo altamente previsível e altamente imprevisível. A simplicidade das regras e a familiaridade dos movimentos tácticos torna cada momento do jogo imediatamente compreensível a quem o observa. Mas, a despeito disso, ninguém pode ter a certeza do que acontecerá a seguir. Os temas podem ser muito limitados; as variações são infinitas». Isto é, ninguém, por mais experiente e conhecedor do mundo do futebol, poderá saber o desfecho do desafio e o que vai acontecer, porque num instante tudo pode mudar, mantendo assim o espectador sempre atento e expectante. O resultado é um factor mais valorizado.

Ainda nenhuma ciência conseguiu ou conseguirá eliminar a característica essencial do jogo que é o acaso. Quando o desporto deixar de ser imprevisível, fruto desse acaso, então deixará de haver desporto. Temos

presente que nem todo o acontecimento desportivo se traduz em espectáculo e que existem formas de espectáculo sem a presença do desporto.

Quando assistimos a um filme ou a uma peça de teatro, sabemos que não poderemos alterar o decurso do enredo, nem o seu final, não temos parte activa nesse espectáculo, construído exclusivamente para ter público. Se no dia seguinte assistirmos ao mesmo filme ou peça, eles se manterão. Um acontecimento desportivo, não se passa dessa forma, não sabemos de antemão qual o desenrolar dos acontecimentos, muito menos o resultado final, são os atletas que vão “escrevendo” a história.

Na perspectiva de Costa (1990, p.6) «...é uma representação dramática mais autêntica do que o que se passa no teatro, pois o drama se constrói sob os olhares dos espectadores e o desfecho final é ignorado até pelos próprios actores». Por isso é que não existem acontecimentos desportivos iguais, mesmo com os mesmos atletas, com mais ou menos público, eles nunca são iguais. «No desporto, o campeão cria, a cada momento, o seu texto. O público espera, a todo o instante, uma nova iniciativa. A ideia de liberdade substitui a ideia do destino» (Freitas, 2000, p. 39).

No futebol, o público tem maior possibilidade de transmitir os sentimentos entre si e aos jogadores, o que é feito por intermédio de movimentos e palavras. Em grupo, qualquer um pode fazer coisas que não se atreveria a fazer se estivesse sozinho. Pode mesmo invadir o campo, de forma a suspender o jogo, ou influenciar psicologicamente os jogadores. «A assistência ao espectáculo desportivo é um importante fenómeno social. Através da ida e das manifestações os espectadores podem alterar o ritmo do trabalho diário...» (Shigunov, 1998, p.107). Numa época em que as pessoas consideram que não têm tempo para nada, o facto de assistirem a um acontecimento desportivo traduz-se em fugir da rotina diária, de ocupar o pouco tempo de lazer que têm e de esquecer, por instantes, os problemas do quotidiano que os afligem.

Os espectadores do futebol profissional vivem carregados de paixão e de grande sensibilidade, tornam-se sentimentais, onde tanto as lágrimas como o sorriso ocupam o mesmo momento e espaço. Para além da componente técnica, os espectadores procuram o divertimento, independentemente da sua idade, sexo, ou mesmo da modalidade a que assistem. Ir ao estádio significa assistir a algo real, perante os seus olhos, não sendo possível prever o desfecho do espectáculo, por ser inédito, e eles são as testemunhas.

Quando nos deparamos com outras modalidades a realidade é bem diferente. Mesmo dentro do próprio futebol existe uma enorme discrepância entre a Liga e as outras divisões do Campeonato Nacional, já não falando nos Regionais, onde a afluência do público baseia-se essencialmente em razões de ordem regional, ou porque é mais barato e não há mais nada que fazer num domingo à tarde. Nas camadas jovens podemos arriscar dizer que o que motiva o público é ter o filho ou o sobrinho a jogar na equipa, mesmo acontece no desporto para pessoas com deficiência.

Consideramos pertinente incluir neste item, uma breve abordagem ao doping, visto estar cada vez mais inerente ao desporto de alto rendimento. Parece ainda muito distante a eliminação do doping no desporto de competição, «...o uso de drogas e de determinados procedimentos que aumentem o rendimento físico do atleta passou gradualmente a ser considerado imoral e, na esfera de esporte organizado, ilegal» (Tavares, 2002, p.42-43). O único argumento válido para a eliminação do doping é a sua ameaça à saúde.

Mas se tivermos em conta que o tabaco e as bebidas alcoólicas também são prejudiciais e nem por isso são ilegais. O doping é o flagelo do desporto moderno de competição, porque cria falsos vencedores devido aos falsos resultados que alcançam, e para o atleta é extremamente lesivo do ponto de vista orgânico.

É urgente que o espectáculo desportivo se torne mais verdadeiro e transparente, mas tal só é possível se houver um grande esforço cultural, de forma a alterar as formas de pensar e o comportamento social.

O desporto para pessoas com deficiência não foi “montado” para o espectáculo, os seus objectivos iniciais eram de carácter reabilitativo, físico e social. O facto de se assistirem a competições com as bancadas despidas de público, gera uma enorme instabilidade emocional e desmotivação, porque não lhes é dado o real valor. Mas como são pessoas grandiosas e humildes, aprenderam a valorizar as pequenas conquistas, são os nossos heróis.

1.3. Os Heróis do Desporto

O que importa não é o número de golos marcados no seu total, mas sim a diferença destes com os do adversário, pela sua componente competitiva, espelho da sociedade actual. Cada vez mais os golos se tornam raros, difíceis de marcar, o que lhes dá ainda mais qualidade e importância, a sua obtenção é o máximo da excitação, quem o marca é considerado o **herói**. Ao atleta, moldado sob a forma de herói, é esperado que seja bravo e corajoso porque é o símbolo do êxito, da vitória sobre os obstáculos.

Só o facto de existirem “heróis”, “estrelas”, “ídolos”, transforma o futebol num fenómeno de massa, proporcionando às pessoas a maneira de construir uma forma de identificação, de referência. Como referem Helal e Murad (1995, p.64) «De uma forma geral, o herói é aquele que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna a casa». Mas será aqui o atleta com deficiência considerado um herói, um ídolo para o público? Apesar de transpor inúmeras barreiras, quase intransponíveis e de bater muitos recordes, não é visto como um exemplo a seguir. Porquê? Porque é que ninguém gosta de ser comparado ou identificado com uma pessoa com deficiência? Porque numa sociedade egoísta só há lugar para o ser perfeito e belo? Haverá alguém perfeito? A busca da perfeição sem limites torna as pessoas desprovidas de qualquer valor moral.

Segundo Aronson (1999, p.53) a definição de identificação é «a reacção à influência social suscitada pelo desejo que determinado indivíduo nutre em ser como o agente influenciador (...) esse comportamento é intrinsecamente satisfatório, mas porque ao adoptá-lo nos colocamos numa situação favorável perante a pessoa ou pessoas com quem nos identificamos». E se algo não correr bem, então a culpa é atribuída ao outro que deixa de ser o modelo de

identificação e depressa é substituído, podendo haver entretanto um estado de desilusão momentâneo.

Geralmente sentimos grande afinidade por determinado atleta ou equipa. Essa afinidade tem início em tenras idades e tem algumas explicações. Como referem Wann et al. (2001) identificamo-nos por determinada equipa porque os nossos pais também foram apoiantes, sendo esta a razão mais comum; o segundo aspecto por eles considerado é o talento e as características dos jogadores; tendo como terceiro as razões geográficas, ou seja as equipas locais; a influência dos pares e amigos; o sucesso da equipa é a apenas a quinta razão. Quando se questionam as pessoas acerca da razão porque continuam a apoiar determinada equipa, o sucesso desta é a razão número um. Segundo o mesmo estudo, a análise das variáveis demográficas mostram que existem diferenças significativas na idade e na etnia no que respeita à identificação. Os espectadores mais velhos tendem a ter um nível mais baixo de identificação do que os mais novos, aparentando tanto os mais velhos como os mais novos ter diferentes necessidades sociais, políticas, etc., o que justifica a diferença significativa ao nível da identificação. O conceito de lealdade à equipa está muito próximo da identificação com a equipa. Quanto mais se identificam com determinada equipa ou jogador, mais leais são em relação a eles.

Segundo Brito (2001, p.38) na identificação existem dois graus, um é com o clube e o que ele simboliza, outro, mais particular, é com determinado atleta. «Esta identificação pode ter um carácter mais prolongado, mais profundo, assumindo esse atleta como “ídolo”, seguindo as suas acções, os pormenores da sua vida, os sucessos em particular, e participando intensamente nas suas actuações em competição, vibrando exaltadamente com os seus êxitos, sofrendo e desculpando as suas falhas, e sentindo no próprio corpo as agressões, as lesões, que o atleta sofre durante a competição». Tal acontece frequentemente na infância, juventude, ou com pessoas com problemas no que respeita à “afirmação pessoal e social”.

Chegando muitas vezes a haver conflitos de ordem interna, quando não se consegue o limite entre o real e a ilusão ou quando é depositada demasiada expectativa em determinado atleta.

A adoração por um determinado herói é muitas vezes breve, fugaz, o que não significa que seja pouco intensa, mas sim transitória. Não é duradoura porque na época seguinte começa tudo de novo, do zero, aqui se incluem as transferências de jogadores, dos heróis, para outros clubes. Algumas vezes “muda-se” de ídolo, procurando cada vez maior satisfação. O autor refere ainda um outro aspecto pertinente, o facto de pertencer a um grupo, ser dele parte integrante, proporcionando uma sensação de força, reúne energias, contagia entusiasmos, explosões de alegria, mas também por vezes provoca situações de violência.

No desporto impera a incerteza do resultado, mesmo sendo uns considerados mais fortes e outros mais fracos, o jogo não está ganho de antemão, não está decidido antecipadamente, tudo depende do desempenho dos atletas. Ninguém pode prever o desfecho de um acontecimento desportivo, nada é a fingir, tudo é real, a imprevisibilidade fascina quem assiste. Os atletas exibem-se de forma a tornar o espectáculo agradável.

«O desporto tem um funcionamento simbólico que exerce grande influência sobretudo no imaginário das massas populares» (Costa, 1997, p.2). Geralmente, os grandes jogadores de futebol provêm de meios populares pobres, o que os torna verdadeiros ídolos quando são bem sucedidos e faz com que o povo se sinta mais atraído, devido ao processo de heroicização.

Os “pequenos”, só são falados quando se apresentam na qualidade de vencedores, porque o que importa é ser vencedor numa sociedade onde a concorrência é impiedosa. (Idem, p.163) «...os jogadores nunca devem esquecer que são homens, com todas as suas responsabilidades e com todos os seus limites. Se tentam esquecer aquelas e ultrapassar estes, correm

direitos à destruição, como atletas e como homens». E passam a ser a desilusão dos adeptos que os veneram e os têm como modelo a imitar. O campeão é um modelo de comportamento, de coragem e de beleza interior com um valor indiscutível.

Carvalho (1985, p.9) afirma que o campeão tem funções essenciais na actividade desportiva de alto rendimento, tem a função de «transmitir as aquisições culturais relativas à actividade motora e à própria cultura física; fornecer resposta aos projectos de desenvolvimento da personalidade, criatividade e aperfeiçoamento do indivíduo; permitir a afirmação mais completa e profunda das capacidades daqueles que, pela sua vontade, carácter e qualidades psico-físicas, aspiram justamente a uma individualização perfeitamente justa; possibilitar que as grandes competições desportivas assumam como espectáculo, um autêntico significado cultural e traduzam relações correctas entre a prática generalizada e a de "alto rendimento"». Ele enriquece a própria sociedade.

Mas, nem sempre os heróis têm uma atitude educativa e cultural, com o êxito muitas vezes esquecem o lado humano e a sua personalidade. Esquecem que têm um enorme significado social, por causa da riqueza das suas conquistas e da maneira como ultrapassa os limites.

É demasiado difícil tornar herói a imagem de um corpo com deficiência, pois este não se encontra dentro dos padrões estéticos impostos pela sociedade. Não podemos esquecer que os verdadeiros heróis são aqueles que conseguem mover montanhas, ultrapassar obstáculos que se dizem intransponíveis, contra tudo e contra todos.

Os ídolos e heróis desportivos do nosso tempo poderiam ser utilizados como veículo de inclusão dos atletas com deficiência, bastava que aparecessem juntos de forma a mostrar à sociedade que eles também podem ser os seus heróis.

«Mesmo uma sociedade igualitária não deixa aos humildes nenhuma esperança de saírem da sua decepcionante existência (...) enquanto o campeão e a vedeta lhes acenam com a deslumbrante ascensão que ao maior dos deserdados é permitida» (Caillois, 1990, p. 148). É muito difícil encontrar um herói desportivo com deficiência para as pessoas mais comuns, são seguidos como vedetas para outros deficientes que não têm onde se apoiar e procuram exemplos marcantes. Uma das grandes explicações para esta situação é a imagem corporal, muito importante na adolescência.

A identificação do tipo heróico é apoiada por um corpo visivelmente agradável, onde todas as pequenas “imperfeições” são combatidas e escondidas. Muitas vezes a performance passa para segundo plano, em prol da tão aclamada beleza. É neste âmbito que o atleta com deficiência é rejeitado, visto que a sua performance é ofuscada por um corpo que não é atractivo. Nesta perspectiva, o atleta com deficiência não poderá ser um herói desportivo, pelo menos enquanto o desporto actual viver da imagem e pela imagem. Porque se fosse pela superação individual e atitude humana, seria um justo herói.

2. Espectadores e Fans

2.1. Grupos de Adeptos

Para que o jogo tenha emoção são tão necessários os jogadores como os adeptos, porque apenas eles criam alegria e ao mesmo tempo angústia, para além de terem um grande contributo a nível financeiro. O jogo proporciona uma quebra na rotina e momentos raros de entusiasmo e emoção. Sem eles o chamado espectáculo de massa acabaria por desaparecer, pois a queda de público é a responsável pela crise económica e êxodo de jogadores.

Como nos dizem Wann et al. (2001) **fans** são indivíduos que estão interessados em seguir uma modalidade, equipa e/ou atleta. **Espectadores desportivos** são aqueles indivíduos que activamente testemunham os acontecimentos desportivos, pessoalmente ou através de algum meio de comunicação (rádio, televisão), estes não podem ser confundidos. Alguns espectadores têm pouco interesse em se identificar com uma equipa favorita ou jogador, ao contrário dos fans. Os mesmos autores ainda fazem a distinção entre **espectadores directos**, que são aqueles envolvidos directamente no acontecimento desportivo; e **espectadores indirectos**, aqueles que podem estar expostos no desporto através dos meios de comunicação, como a televisão, rádio, jornais ou a Internet.

Em relação aos fans desportivos e aos níveis de identificação, alguns aparentam desinteresse, raramente gritam ou reagem às acções dos atletas, parecem mais interessados em conversar com os amigos do que ver o jogo. Ao invés, outros parecem imergir no contexto, vão vestidos e pintados com as cores da sua equipa, querendo distrair a equipa adversária e manifestar a sua

desaprovação de forma ruidosa quando o árbitro assinala algo contra a sua equipa.

Os fans têm altos e consistentes níveis de identificação de jogo para jogo, época para época. Para estes o desempenho da sua equipa representa uma componente central da sua identidade. Devido à sua próxima associação com a equipa, esta passa a ser uma extensão deles. Os sucessos da equipa passam a ser os sucessos dos fans e os fracassos, os seus fracassos. Por causa da extrema importância da performance da equipa, as suas reacções de afectividade, cognitiva e comportamental tendem a ser bastante extremas.

Existem espectadores que não se manifestam e outros que, reagindo às situações do próprio jogo, gritam e insultam. Quando a sua equipa perde, joga mal ou o espectáculo é de nível considerado baixo, a maioria dos espectadores sentem-se frustrados. Quando a sua equipa ganha ou o espectáculo é de alto nível, fica feliz, vibra com os jogadores e amigos, manifestando-se geralmente através de aplausos e gritando pelo nome dos jogadores que mais se destacam, estes por vezes respondem erguendo os braços e acenando.

Para uns a oportunidade de passar algum tempo com alguns membros da família serve de incentivo suficiente para assistir a um evento desportivo na companhia dos seus. Para outros, o estatuto social é usado para propostas de negócio e para ser visto em público.

Muito se faz para manter os espectadores entretidos, essencialmente antes do início do jogo e durante o intervalo, através de música e espectáculos. Existe quase sempre bar nos recintos desportivos, onde os espectadores podem comer e beber, mantendo-os divertidos e entretidos. Pertencer a um clube, torcer ou fazer parte dele, cria um sentimento saudável, pois é uma forma de inclusão na comunidade, proporciona a participação na sociedade.

Sousa (1996) faz uma análise ao público que assiste a encontros de futebol, e salienta a sua heterogeneidade, isto é, verifica-se uma ampla diferenciação no que respeita às origens, formação, idade, motivações, nível económico, sexo, identificação com a modalidade e outros. Encontrámos, igualmente, por parte daqueles, comportamentos e atitudes distintos que levam a diversas consequências, geralmente voltadas para a equipa de arbitragem e, posteriormente, para a arbitragem em geral. Segundo o mesmo autor, existem seis principais factores susceptíveis de interferir no comportamento do público, «educação, conhecimento das regras do jogo, passado como praticante desportivo, espírito desportivo, devoção clubista e natureza do próprio público como “agregado social”» (p.36).

Qualquer modalidade desportiva pressupõe a vontade de ganhar, usando para isso todos os recursos possíveis, devendo haver igualmente cortesia para com o adversário, combatê-lo sem animosidade. Procurando antecipadamente aceitar uma possível derrota, admitindo-a sem cólera nem desespero. Pois apenas assim poderá ser fonte de alegria e de divertimento. Como refere Lyra Filho (1973, p. 109) «Muito do instinto, da alma e do espírito de cada povo se põe como em retrato psicossocial nos flagrantes dos espectáculos desportivos». Quanto mais elevado é o número de espectadores, maior é a emoção, caracterizada pelo desejo de vivenciar algo em comum, esquecendo hierarquias sociais.

A exuberância do público não interfere na equipa de arbitragem, mas essencialmente no ânimo e prestação do atleta. Este necessita de assistência para se exprimir, quanto mais numerosa, mais estimulante se torna para o atleta. Qualquer atleta perante uma assistência numerosa, fiel, participativa, mobilizadora e entusiasmada, mais facilmente se supera e se exhibe. Pelo contrário, a ausência de público provoca um sentimento de desvalorização da sua performance, esmorecendo-o.

As provocações de um público extremamente activo chegam ao ponto da equipa mudar a sua tática. Entre o atleta e o espectador nasce uma relação de reciprocidade, onde ambos se tornam parte integrante de todo o espectáculo desportivo, tal relação não acontece noutros espectáculos, como são exemplos cinema ou teatro. Neste tipo de espectáculos não existe essa reciprocidade, a informação é unilateral e a resposta por parte dos espectadores é feita posteriormente, não existe uma reacção por parte destes capaz de mudar no momento um filme de cinema ou uma peça de teatro, geralmente estes são assistidos em silêncio, a ovação acontece no final.

Perante o interesse do público os atletas para além de competirem também se exibem, muitas vezes para “justificar” o preço dos bilhetes, outras como maneira de aumentar a sua popularidade, procurando obter maior valorização profissional. Existe uma enorme relação entre a função de superação e a afirmação pessoal do atleta. Que tem de ser o mais cedo possível, pois os atletas de alta competição têm uma carreira profissional muito curta, e como tal, tem de ser bem aproveitada, pois muitas vezes o seu sucesso é restringido a algumas épocas.

Brito (2001, p.37) apresenta-nos o conceito de adepto como a «convicção ou sensação de pertencer a, que inclui um elevado grau de integração num conjunto de valores pouco definidos, mas bem percebidos (símbolos, tradições, valores, “honras”)». Mostrando dois factores que contribuem para esse conceito como sendo os mais importantes, a “identificação” e a “filiação”. Considerando esta última como se o seu clube fosse como sua família e lhe completa-se um vazio na sua personalidade e na sua afirmação pessoal. Ligado ao clubismo, está igualmente o regionalismo e o nacionalismo.

Morris (1981, p. 235) divide os adeptos em dois grandes grupos, os “Antigos Adeptos”, que geralmente ocupam lugares sentados, e os “Jovens

Adeptos”, que ficam de pé. E subdivide-os de acordo com as suas características:

Antigos Adeptos:

- 1- **Os Lealistas:** São os que devotaram as suas vidas ao clube, para eles a sua equipa nunca pode actuar mal, a parcialidade é total e obsessiva;
- 2- **Os Especialistas:** São os indivíduos que sabem mais acerca da equipa do que o treinador, a quem explicariam tudo se ele quisesse ouvi-los. São peritos na apresentação de desculpas para as suas previsões erradas e mostram-se sempre muito eruditos após o jogo;
- 3- **Os Brincalhões:** São os adeptos que criaram um reportório de comentários cáusticos e divertidos que gritam sempre que há um intervalo no jogo. As observações são quase sempre insultos grosseiros;
- 4- **Os Furiosos:** Como os brincalhões, gritam alto, mas as suas observações baseiam-se mais na fúria do que no humor. O Furioso vê o desafio como um tipo especial de terapia, como a visita a uma “sala de raiva” pública;
- 5- **Os Mártires:** O Mártir nunca grita, geme baixinho para si próprio e abana a cabeça, tristemente. Sabe que as coisas vão correr mal ainda antes de o jogo ter começado e sofre durante toda a partida;
- 6- **Os Excêntricos:** Todo o clube tem as suas figuras esquisitas que aparecem regularmente usando um traje exótico e põem de parte todas as convenções;
- 7- **Os Leigos:** Denunciam-se pela falta de conhecimento;

Os Jovens Adeptos:

- 1- **Os Rebentos:** Rapazinhos acabados de chegar à idade de poderem ir sozinhos ao futebol. Rondam o túnel dos jogadores, tentando ver de perto os seus ídolos ou, com um pouco de sorte, tocá-los com as mãos estendidas, são os fans do amanhã;
- 2- **Os Noviços:** Tendem a concentrar-se numa parte específica das bancadas, regra geral em frente do exército principal de fãs ou ao lado;
- 3- **Os Fãs:** Enfeitam o vestuário com as cores da equipa. Os fãs devem todos entoar os cânticos rituais, insultar os adversários e louvar os seus heróis. Formam um bloco em determinada zona das bancadas, por detrás de uma das balizas. A polícia tem o cuidado de não deixar os fãs visitantes aproximarem-se dessa zona. Os fãs que viajam regularmente para assistir aos jogos são os membros mais respeitados do grupo;
- 4- **Os Chefes:** Determinados indivíduos assumem um papel de chefes naturais;
- 5- **Os Rufias:** No corpo de fãs há muitos que estão sempre prontos a defender a honra do seu clube contra os rivais. Sendo particularmente espalhafatosos nas suas manifestações agressivas, parecem mais perigosos do que na realidade são;
- 6- **Os Duros:** Ausência completa das cores do clube, impõem-se aos restantes pela sua reputação pessoal. São os duros das bancadas e os mais temidos pelos fãs adversários. Os fãs vulgares consideram-nos como membros dominantes do grupo principal;
- 7- **Os Perdidos:** Todos os clubes têm os seus selvagens, perdem o auto domínio e cometem graves actos de violência física. Trazem, por vezes,

armas escondida. Para o público, as piores acções dos Perdidos são sinónimo da conduta de todos os fãs do futebol;

- 8- **Os Bebedores:** Uma categoria de fãs ligeiramente mais velhos costuma beber muito antes do desafio, chegam às bancadas mais ou menos embriagados;
- 9- **Os Penduras:** Pseudofãs, que pretendem fazer parte do grupo principal, mas que são demasiado estúpidos ou covardes para serem classificados como membros verdadeiros do bloco;
- 10- **Os Solitários:** Jovens adeptos que se mantêm à parte da massa dos fãs fanáticos. Podem ser adeptos profundamente leais da equipa, preferindo manter a individualidade, em vez de se tornarem membros de um exército de fãs;

Cada adepto tem um papel dentro do grupo onde se encontra integrado. «O apoio dos espectadores é um dos motivos que torna os jogos de futebol mais atractivos» (Hahn, 1998, p. 167), quanto mais eles se identificam com determinado clube ou atleta, mais se desenvolve o ambiente futebolístico.

Variados factores influenciam a ida ou não a um encontro desportivo, segundo Wann et. al. (2001) a escolha e sua viabilidade envolve o custo financeiro, ou seja, são consideradas despesas adicionais, para além do bilhete, comida, bebida, estacionamento e gastos na viagem. Outros factores igualmente importantes são tidos em conta, a distância da sua residência, o dia e a hora, a qualidade do evento, o estado do tempo e o facto de coincidir com o trabalho ou a escola.

Devido às inúmeras cenas de violência a que se tem assistido dentro e fora dos estádios, tem se restringido cada vez mais os movimentos dos adeptos, principalmente das claques organizadas. Como geralmente a força

policial chega tarde quando há confrontos entre adeptos, na Alemanha foi criado o denominado "Projecto de Adeptos", com o trabalho de psicólogos sociais. Tem como objectivo dar «apoio aos interesses dos indivíduos e do grupo e seus problemas familiares, sociais e profissionais, como ponto de encontro dos adeptos com as actividades desportivas e sociais, como agência de viagem e escolta para estádios estrangeiros» (Hahn, 1998, p. 170), para além de organizarem viagens, acampamentos e outras actividades entre adeptos, desenvolvendo assim laços de amizade.

Na perspectiva de Moura e Castro (1996, p. 26) o espectador está longe de ser um desportista passivo, na medida em que «ele sofre, exterioriza a sua alegria, grita, gesticula, empenha-se incondicionalmente no debate das situações, excita-se demonstrando sinais de participação activa (ruborização, transpiração, movimentação, fadiga)», o que faz do espectador uma parte integrante do acto desportivo.

2.2. Violência no Desporto

«A violência desportiva é uma violência humana, ou seja, que resulta de uma personalidade global que vive a emoção, a actividade motora e a intelectualidade num determinado momento e num determinado lugar, de acordo com a "história" do indivíduo e com as características sociais que a determinaram».

(Carvalho, 1985, p. 98)

Em primeiro lugar é necessário compreender com clareza quais as causas que levam à violência no desporto. Como nos diz Carvalho (1985, p.24) esta está intimamente relacionada com países onde a criminalidade social global é maior, vista como uma forma de afirmação pessoal e de superação. «Por coincidência também é nestes países que se verifica a comercialização mais intensa do desporto e em que o ciclo: sociedade comercial, televisão, publicidade, espectáculo desportivo, "compra" de jogadores, se afirma cada vez com maior intensidade» (Idem).

Curiosamente foi na população inglesa, que apesar da fama de ordeira e calma, se registou este fenómeno de forma mais constante e envolvendo multidões, somente de há vinte anos para cá e entre jovens frustrados, onde predominavam operários homens. Vandalizam os recintos desportivos e não só, continuam a sua luta, o que deixa de ser somente a violência no desporto e passa a ser, de forma geral, a violência na sociedade. Citando o mesmo autor (p. 35) «A verdade é que o aumento da violência no futebol reflecte o aumento da pressão que se exerce, cada vez mais intensamente, sobre os jogadores e as equipas com o objectivo de os levar a ganhar», porque na sociedade actual os valores fundamentais são o dinheiro e o prestígio.

Todo este processo provoca alteração nos valores do jogo, pondo em destaque a comercialização, incutindo o ganhar a qualquer custo, utilizando os meios que forem necessários, mesmo que estes não estejam de acordo com os valores sociais. O que acaba por influenciar directamente os adeptos, que reagem de forma agressiva. «O comportamento agressivo é determinado pelas características do meio em que o indivíduo vive e, portanto sendo esse comportamento “adquirido” em função de um processo de aprendizagem» (Carvalho, 1985, p. 73).

Podemos afirmar, baseados em Sousa (1996) que na violência do desporto existe duas direcções distintas, uma de adesão, devido à necessidade de identificação, que leva as pessoas a reunirem-se nem que seja pelo seu clube; e, por outro lado, uma dissociação, afastamento devido à agressiva forma de manifestação por parte do público.

Cada vez mais este segundo fenómeno se manifesta, sendo os espectadores forçados a ficar em casa, acompanhando o espectáculo pela televisão, que está cada vez mais em cima do acontecimento, descansado no sofá, sem o risco de ser apanhado no meio de toda a violência que se manifesta nalgumas bancadas dos estádios, com adeptos mais aguerridos. Também no desporto praticado por crianças e jovens se assiste a comportamentos violentos e linguagem inapropriada, pelos pais, dirigentes ou os próprios treinadores, que muitas vezes induzem à violência.

Morris (1981) diz-nos que a excitação criada pelo futebol é devida ao elemento guerreiro nele existente. Facto que tem sido muito debatido, pois esse aspecto guerreiro pressupõe atitudes agressivas e à satisfação de sentimentos violentos. Não vamos aqui falar da violência natural das modalidades desportivas, porque essa é saudável.

Cada um de nós, no seu quotidiano, sofre pressões e frustrações que ficam armazenadas e à espera do momento oportuno de explodirem para o

exterior, esse momento é de certo modo autorizado no decorrer de um acontecimento desportivo, libertando todas as angústias, fugindo dos infortúnios da vida quotidiana. «O espectador empolga-se, vibra, exulta, relaxa os nervos, afrouxa a postura física e, no desabafo pleno da alma, chega a desarmar as censuras do próprio subconsciente» (Lyra Filho, 1973, p. 146). Muitas pessoas não vão ao futebol pelo medo da violência da multidão, o que pressupõe consequências económicas e efeitos simbólicos negativos.

A imagem que nos fica da sociedade actual, tendo em conta o que é registado pelos meios de comunicação social, é a de uma sociedade agressiva e violenta. Tendo as pessoas criado um sentimento de obsessão pelo sucesso sem olhar a meios, pois aquele que não o alcança é um falhado, um frustrado. Este sentimento é transportado para o desporto, onde tem parte activa, gritando e gesticulando. Como argumenta Brito (2001, p.40) a linguagem desportiva está cheia de expressões que pressupõem violência como são exemplos: luta-se contra; bate-se o adversário; goleia-se; humilha-se; esmaga-se. Só a vitória é gloriosa, o resto é frustração.

Citando o mesmo autor, «só se destrói aquilo de que se não gosta. Quem é violento no desporto, em torno do desporto, não gosta dele, do seu clube, região ou país. Quem é violento está descontente com a sociedade e o meio em que vive, e que gera esse desporto. É nas sociedades mais violentas que se regista maior violência associada ao desporto». Não há dúvida que a violência destrói toda a razão de ser do desporto, independentemente da modalidade ou do clube. Deitando a perder todos valores porque se regem os acontecimentos desportivos e, completando o que foi dito inicialmente, os valores que regem a própria sociedade onde isso acontece.

A violência à volta do desporto e especificamente do futebol integra-se no nível da educação, nível cultural e cívico das pessoas do país onde tal acontece. Muitas vezes gerada pelos próprios agentes do futebol, que instigam

os adeptos e se agridem verbalmente através dos meios de comunicação social.

O público que se manifesta frequentemente de maneira agressiva acaba por influenciar o próprio atleta, quando este mostra a sua combatividade, podendo fazer nascer nele reacções igualmente agressivas, esquecendo o fair play. Quando se passa dos insultos para a agressão física, reconhece-se facilmente a falta de civismo e de respeito para com os outros, este comportamento denota falta de educação.

Segundo Sousa (1996) por parte do público existe o que é designado de "reacção circular", ou "reacção em cadeia", que significa uma manifestação, na base emocional, em termos de "contágio" ou de "onda". Sendo o público desprovido de organização, caracterizando-se também pela sua vertente anónima. Isto é, sendo anónima torna-se impune, é a chave para o medo de retaliações, sentindo-se seguros, porque a responsabilidade do seu comportamento é atribuída em conjunto com os outros membros da multidão. A organização do jogo e das instalações desportivas geralmente é insuficiente para punir um só culpado, por actos individuais.

A violência organizada é feita por grupos associados que aproveitam a situação desportiva e a relativa impunidade dos estádios e pavilhões para expressarem o seu desgosto e mal estar pessoal e social. Geralmente esses indivíduos não praticam desporto e, muitas vezes, nem sequer o apreciam. Os fans exibem mais comportamentos violentos quando estão em grupo e menos quando estão sozinhos.

As manifestações de violência vão desde o lançamento de objectos para dentro do terreno de jogo ou entre espectadores, discussões até às invasões do terreno de jogo. Dunning, Murphy & Williams (1992) têm duas explicações principais, uma delas é a bebida, mas esta não pode ser considerada causa significativa, pois nem todos os indivíduos responsáveis pelos actos de

violência bebem de forma constante e abundantemente. Outra explicação é a violência que acontece no terreno de jogo, o que quanto a nós não é explicação plausível, pois não justifica os confrontos que acontecem antes dos jogos, os actos de vandalismo vão para além dos campos de futebol.

Segundo Carvalho (1985, p.70) «A frustração conduz à violência e a violência pressupõe sempre um estado de frustração». Analisando os indivíduos da classe trabalhadora baixa, segundo o mesmo autor, conclui-se que correspondem a uma "segmentação ordenada", geram normas específicas. Temos como exemplo os pais pertencentes a esta classe pressionam menos os seus filhos no sentido do auto-controlo no que respeita a uma possível conduta agressiva. Quanto mais os pais tentam reprimi-los neste aspecto, maior é a sua tendência para recorrer aos castigos físicos.

Outro dos aspectos característicos desta classe é a segregação sexual, onde o homem ocupa a posição de dominante, muitas vezes caracterizado por um alto índice de violência masculina contra as mulheres, tendo estas o papel de os "suavizar". Esta cumplicidade gera igualmente agressividade por parte das mulheres, estas apoiando os homens nos seus actos, o que reforça a propensão da agressividade. Como a violência é a sua fonte de identidade, tendem a exhibir-se, sem auto-controlo, mostrando a sua rudeza, valentia e coragem publicamente perante o grupo.

Elias & Dunning (1991, p.352) caracterizam as comunidades mais "rudes" das classes trabalhadoras, em que algumas podem apresentar grande parte dos aspectos que citaremos de seguida, «a) a pobreza mais ou menos extrema; b) o emprego de membros em trabalhos não especializados e/ou empregos acidentais, associado a uma elevada susceptibilidade ao desemprego; c) o baixo nível de educação formal; d) a reduzida mobilidade geográfica, excepto para alguns membros do sexo masculino que viajam por razões profissionais, por exemplo, no exército ou, em ligação com o trabalho não especializado, na construção civil; e) um quadro familiar centrado na mãe e

marcado por extensa rede de parentesco; f) um elevado grau de segregação dos papéis conjugais e de separação das vidas dos sexos em geral; g) o predomínio masculino, associado à tendência para os homens exercerem violência física sobre as mulheres; h) a reduzida vigilância em relação às crianças, associada ao frequente recurso à violência no processo de socialização; i) a capacidade comparativamente reduzida dos membros para exercer controlo emocional e para diferir satisfação; j) um limiar de repugnância comparativamente reduzido quanto à violência física; k) a formação de "bandos" de esquina que são dirigidos pelos melhores lutadores e no interior dos quais, entre os quais, a luta é frequente; e l), os sentimentos intensos de ligação ao que se encontra rigorosamente definido».

Reforçamos esta ideia baseados no trabalho de Lyra Filho (1973) onde nos apresenta que o carácter explosivo das manifestações dos espectadores reduz-se na medida em que eles são culturalmente mais favorecidos. Toda esta análise não significa que os indivíduos desta classe sejam os únicos adeptos fanáticos e violentos nos estádios de futebol.

As equipas mais fracas utilizam mais a violência, existem jogadores que adquirem um comportamento mais violento se a responsabilidade e dificuldade do próprio jogo for maior, denotando-se assim uma alteração comportamental que, muitas vezes, é influenciada pelo público e pelo meio em que o jogo tem lugar. Carvalho (1985, p. 15) baseado num estudo de Rapport Neron, afirma que «...as equipas mais fracas utilizam a violência com muito maior frequência; (...) a mesma equipa, antes fraca mas colocada agora em posição de superioridade, já não utiliza a violência».

As estatísticas admitem que existe mais violência nos países onde a criminalidade social global é evidente, e onde, igualmente, o nível de comercialização de jogadores e todo o processo desportivo é mais intenso, como referimos anteriormente as características do meio e o processo de aprendizagem determinam o comportamento agressivo. A comercialização

acrescida provocou grandes alterações no futebol, valorizando-se cada vez mais a promoção de vedetas, o ganhar a qualquer preço e o anti-jogo. Para um jogador ter prestígio tem de ser eficaz no que respeita ao “duelo” com o adversário e nunca recuar. A sociedade moderna exige a vitória, o prestígio e o dinheiro.

No decorrer do jogo os jogadores vão alterando o seu comportamento, devido às diversas respostas que terão de dar face a diferentes e complexas necessidades que ocorrem. Há factores exteriores e interiores que interferem no seu comportamento, «...há jogadores em que o comportamento violento é muito mais frequente do que noutros, mas no mesmo jogador quanto maior for a responsabilidade do jogo mais frequentemente utiliza a violência» (Carvalho, 1985, p. 16).

A violência desportiva é humana, regida pela personalidade do indivíduo e por uma mistura de fenómenos afectivos, cognitivos e motores. É o espelho de uma crise social, cultural, económica, educativa e do indivíduo que a pratica. Todo o processo de empatia e de identificação que determinado espectador tem com um jogador ou equipa, associado ao conhecimento que tem do jogo e suas regras, provoca uma reacção de querer participar no espectáculo, envolvendo-se de corpo e alma não só com o que se passa em campo, mas transportando consigo o cansaço, a rotina e a sobrecarga de tempo de trabalho. Infelizmente a violência é a resposta aos seus problemas, provocando mesmo nalguns um prazer inexplicável.

Existe um grande potencial de agressão quando os níveis de identificação com a equipa são muito elevados e esta perde. Alguns estudos que nos são apresentados por Wann et al. (2001) demonstram que o ruído pode contribuir para comportamentos agressivos. Os níveis de ruído são mais pronunciados quando os indivíduos estão zangados.

«Se a violência se aprende, também a contra-violência se ensina» (Carvalho, 1985, p. 173). Um bom treinador tem de ser capaz de saber controlar o temperamento mais intempestivo dos seus atletas. Neste processo educativo podemos incluir os pais, educando os atletas e futuros ídolos da juventude contra a violência e a pressão psicológica, incutida pela vitória a qualquer custo. A violência desportiva está associada à vitória a todo o custo, estimulada pelos próprios dirigentes, treinadores e espectadores.

O comportamento dos espectadores faz parte integrante do espectáculo, é aquele que cria o espectáculo e lhe dá razão de ser «...o espectador desportivo é um ser complexo que deseja participar, confundindo-se com a acção mas que extravasa a sua emoção em formas próprias de intervenção que envolvem e comprometem inteiramente a sua personalidade» (Idem, p.124). Esse comportamento, muitas vezes alienado, é fruto do cansaço, da rotina, da sobrecarga de tempo de trabalho e das dificuldades que tem em recuperar do esforço.

A violência no desporto é exposta nos meios de comunicação social num sentido de sensacionalismo. Sendo os meios de comunicação social vistos como uma empresa com objectivos meramente económicos e com princípios de lucro, a violência aparece como uma notícia que vende.

3. Meios de Comunicação Social e Desporto

Devido à exploração económica que alimenta o espectáculo, onde se inclui a publicidade, temos o desporto como acontecimento que reúne mais público, sobretudo de forma indirecta, isto é pelos jornais, televisão ou rádio. Assim, os media elevaram o desporto aproveitando as suas forças económicas e políticas. Nota-se uma grande influência dos meios de informação nas relações entre o futebol como espectáculo de massas e a violência. Na opinião de Constantino (2002, p. 9) «o que globalmente preocupa o poder político é saber que vantagens pode retirar dos resultados desportivos alcançados. E os resultados são aquilo que mediaticamente é relevante», são empresas comerciais, capitalistas, procuram o lucro e o sensacionalismo, muitas vezes atingidos pela promoção indirecta da violência, porque é o que vende.

Todo o espectáculo que não possa ser visualizado na televisão corre o sério risco de ser posto de lado. Passou a existir uma grande cumplicidade entre o espectáculo desportivo e a comunicação social, nos tempos actuais é impensável um viver sem o outro. A transmissão por satélite e as novas tecnologias vieram revolucionar completamente todos os meios de comunicação. Para servir os telespectadores e os interesses comerciais mudam-se até os horários das competições, sendo a própria televisão a procurar a espectacularidade, «melhorando o enquadramento técnico, aumentando a qualidade da recolha do som ambiente, multiplicando o número de câmaras, estudando efeitos especiais» (Constantino, 1990, p. 82), resumindo, ajuda a promover o espectáculo e o suporte comercial que o enquadra. Muitas das vezes os jogos acontecem em função dos interesses dos grandes meios de comunicação social.

Os media estão dependentes de objectivos económicos e não escapam ao funcionamento das leis do mercado, estes objectivos são atingidos essencialmente à custa do futebol e dos Jogos Olímpicos, os mais mediáticos.

Os jornalistas, através dos seus comentários e das suas análises, têm a capacidade de influenciar o público, muitas vezes manipulando a informação para o agradar, criar audiências e sensacionalismos. Existem vários jornais desportivos diários em Portugal o que não acontece noutros países, têm muita popularidade, onde a masculinidade é um dos aspectos centrais, existe grande concorrência entre eles e busca por interesses comerciais.

«Os meios de comunicação social desempenham um importante papel na manutenção dos preconceitos» (Aronson, 1999, p. 352) e são os principais responsáveis pela “formação” de heróis. É muito raro encontrarmos num jornal ou em qualquer outro meio de comunicação social uma notícia que tenha o atleta com deficiência, onde este seja visto pelo seu real valor, sem preconceitos ou pena, não só no que se refere ao desporto. Neste sentido muitos têm esquecido o factor educativo e pedagógico, onde se deve inculcar os valores éticos e o espírito desportivo, estes sim verdadeiramente importantes na informação e formação da sociedade.

É fácil ter acesso à informação, a comunicação social assume-se como força activa, tendo um poderoso factor educativo da sociedade. Reflectem a realidade, por tudo isto são o meio privilegiado de criação e transformação de valores, capazes de mudar e inovar determinada cultura. O que torna o seu papel de extrema relevância, porque actua directamente com a opinião pública.

Mas não podemos considerar que os meios de comunicação social traduzam a opinião de todo o público, talvez sim a opinião dos maiores grupos, longe de generalizar. O que acontece actualmente é uma “guerra” pelas audiências, pela captação da atenção dos espectadores, que é conseguida através da informação - espectáculo. Esta, usada por imagens brutais e

violentas dos acontecimentos mais intensos e até sangrentos. Ou seja, as notícias não nos aparecem casualmente, elas são estruturadas, organizadas e seleccionadas de forma a influenciar as nossas percepções, juízos, reacções e decisões.

As pessoas dão mais relevância aos acontecimentos negativos, à violência, à guerra, aos líderes carismáticos e à morte, para além do inesperado, perturbador e surpreendente. Tudo o que é novo, diferente e cativante é notícia.

Não culpamos os meios de comunicação social de tudo, é preciso ter em atenção que a mensagem pode ser distorcida, compete-lhes confirmar e não exagerar. Devem, essencialmente, mostrar a informação exacta, a imagem real das situações, mostrando o lado positivo das pessoas com deficiência, dando-lhes oportunidade de exprimir a sua opinião e os seus desejos, porque só a elas compete falarem sobre si mesmas. Trabalhando dessa forma como agentes de formação da sociedade em geral. «A imagem da deficiência que se projecta nos media é um reflexo da percepção de quem emite, ao mesmo tempo que contribui para formar as atitudes de quem recebe. A atribuição de valores, sentimentos, comportamentos e expectativas no que respeita à própria deficiência ou à vida da mesma, não podem ser generalizáveis à totalidade das pessoas com deficiência» (Moltó, 2001, p.12).

Para que haja uma imagem exacta sobre as deficiências é primordial uma informação inclusiva, que mostre a realidade, onde as pessoas com deficiência mostrem os seus problemas ao público de forma a encontrar uma solução para eles. É necessário que a informação mostre o lado positivo da deficiência, que dê atenção às soluções mais concretas para resolver os diversos problemas que daí advêm, permitindo às pessoas com deficiência falar sobre si mesmas. Para haver uma informação normalizada, devem ser vistas todas as facetas, sem exageros, estereótipos e mitos, utilizando o termo “pessoa com deficiência”.

Na sua Dissertação de Mestrado, Calvo fez a Análise Evolutiva do Tratamento Mediático dos Jogos Paralímpicos em Quatro Periódicos Nacionais, nos anos de 1988, 1992 e 1996. Para a sua investigação formulou os seguintes objectivos (2001, p. 102) «i) identificar e analisar a evolução da cobertura dos *media* (imprensa) sobre o Desporto para Deficientes (alto rendimento); ii) saber como é tratado pelos *media* (imprensa), em termos de informação, o Desporto para Deficientes (alto rendimento); iii) evidenciar a importância dos *media* (imprensa) para o desenvolvimento do Desporto para Deficientes, com consequências idênticas sobre o processo de integração total destes indivíduos».

Com o seu estudo, chega à conclusão de que é escassa a divulgação de assuntos sobre o parolimpismo e, apenas acontecem aquando da aproximação do evento, o que mostra desinteresse na cobertura mediática e que os *media* não se encontram sensibilizados para este fenómeno desportivo.

Apesar de ao longo dos anos analisados (1988, 1992 e 1996) se ter verificado um aumento do número de artigos a fazer referência aos Jogos Paralímpicos, principalmente nos jornais desportivos se comparados com os de informação geral, «a justificação para este resultado está relacionada com a periodicidade do jornal, isto é, tanto “A Bola” como o “Record” passaram de quadrissemanários a diários» (Calvo, 2001, p.122). Este aumento é acompanhado por uma mais completa, detalhada e extensa notícia, diminuindo a ocorrência de textos de coluna.

Concluiu ainda que os jornalistas apresentam consenso terminológico e começam a mostrar mais preocupação na elaboração dos artigos, tornando-os mais atraentes e de fácil leitura. «Uma análise mais detalhada ao conteúdo dos títulos revela-nos que os assuntos utilizados para atrair o leitor levando-o a comprar o jornal, relacionam-se com aspectos ligados ao sensacionalismo, ao nacionalismo, à ideologia e ao rendimento» (Idem, p. 126).

Também se verificou um aumento na ocorrência de imagens, contudo nem sempre estas representam apenas as pessoas com deficiência, as mesmas são por vezes preteridas em função da utilização de imagens de pessoas “ditas” normais. Os elementos estéticos raramente são abordados, o que comprova que a noção de beleza não se associa à pessoa com deficiência, pelo contrário, o seu aspecto é muitas vezes considerado como monstruoso.

O processo de integração na sociedade torna-se mais fácil se houver colaboração entre os profissionais de informação e os profissionais no âmbito da deficiência. Alguma terminologia que ainda é utilizada, acentua as diferenças, etiquetando, apela à caridade e à sensibilidade, dá um tom de drama, damos como exemplos: “padecem”, “estão afectados”, “são vítimas de”, entre outros. Ou seja, das poucas vezes que este assunto é tratado nos meios de comunicação social, a informação é por vezes inadequada, o que começa a mudar, apercebemo-nos de uma maior preocupação por parte dos agentes de comunicação e conseqüente mudança de atitudes. Podendo assim acabar com os medos, estigmas, fomentados pelo desconhecimento da própria deficiência.

Citando Moltó (2001, p.16) «Os meios de comunicação são um reflexo da realidade ao mesmo tempo que são um guia desta. Devem articular procedimentos para garantir um tratamento que não seja lesivo para as pessoas com deficiência, e é aconselhável que assumam um papel activo para a desejada mudança de atitudes». Assistimos com maior frequência à transmissão da imagem da pessoa com deficiência vista como incapacitada para solucionar os seus grandes problemas, ou em contrapartida como o “super-homem”, com capacidades mais desenvolvidas em detrimento de outras. Esta ideia acaba por reforçar todos os estereótipos e posturas preconceituosas que envolvem as pessoas com deficiência.

Para a promoção de uma imagem positiva é importante o reconhecimento público das pessoas com deficiência, bem como a sua

inserção nas actividades desportivas. «Os meios de comunicação social nem sempre espelham a realidade, mas, em certa medida, formam-na» (Calvo, 2001, p.22). A mesma autora, apresenta-nos o que respeita às principais funções dos meios de comunicação social, como sendo: a função de informação pública e circulação da informação; a função pedagógica e cultural; sensibilização social; procura da verdade; fomentação dos valores sociais; modelação de opiniões e promoção da socialização.

É indispensável que a informação seja feita de forma responsável. Segundo a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto da UNESCO, 1978, no Artigo 9º, 9.1 «Sem prejuízo do direito à liberdade de informação, todo o pessoal que se ocupe de assuntos relacionados com os meios de comunicação social, deve estar plenamente consciente das suas responsabilidades perante a importância social, a finalidade humanista e os princípios éticos de que são portadores a educação física e o desporto».

Portugal tem três jornais desportivos diários, ao contrário, por exemplo, da Inglaterra que não tem diários, apenas semanários. Para que um jornal diário seja rentável precisa que pelo menos metade das suas colunas sejam dedicadas à publicidade. Apesar do excesso publicitário, nesses três diários ainda existem formas e modalidades desportivas cuja informação é quase inexistente, onde podemos incluir o desporto para pessoas com deficiência, nas suas diversas vertentes.

Nos últimos tempos, temos ouvido falar mais sobre a pessoa com deficiência na televisão, este facto pode estar relacionado com a curiosidade por parte do público. Muitas vezes esquecem a pessoa em si e realçam a deficiência, o que é extremamente negativo. Deixam de ver as suas potencialidades em detrimento das limitações, referimo-nos à imagem da pessoa que necessita de caridade social e piedade, o que leva à super protecção, à segregação, à alienação e à rejeição.

Deparamo-nos com alguma divulgação pelos meios de comunicação social quando nos aproximamos dos Jogos Paralímpicos. Aqui verifica-se uma mudança na atitude mediática, passando os agentes de informação a fazer referência às provas específicas e ao sistema de classificação, começam a deixar de lado a imagem do “coitadinho”. É utilizada uniformização terminológica, o que demonstra profissionalismo, verificamos evolução e melhoria de atitudes, mas ainda não é suficiente.

Em 2002 a SIC (Sociedade Independente de Comunicação) assinou um protocolo com a Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, passando aquela a ser a Televisão Oficial até 2004, elaborando um projecto de Marketing e de Comunicação. Tendo como objectivos preparar e dar especial atenção aos atletas para os Jogos Paralímpicos de Atenas 2004. Porque o Estado financia apenas 32% do que é realmente necessário, este projecto visa angariar ajudas caritativas. Porque esta estação televisiva considera vendável o Movimento Paralímpico.

Foram apresentadas como estratégias de comunicação: Acções de Promoção; Acções de Relações Públicas; Campanhas de Publicidade; Visibilidade da Comunicação Social (através de reuniões, conferências de imprensa, jantares de apresentação do projecto com fins lucrativos).

Tendo várias campanhas publicitárias: Campanha de mupis; Campanha de anúncios de imprensa; Campanha de rádio e Campanha de televisão. A SIC tem envolvimento: Promocional, com spots publicitários, junto com os cartões dos patrocinadores; Editorial, com a cobertura das actividades regulares do Movimento; Relações Públicas, comunicação com outros media através do Gabinete de Comunicação com a Imprensa. Para além da angariação de Embaixadores SIC para o Movimento Paralímpico com a participação de figuras públicas dessa estação televisiva.

Mas os Jogos Paralímpicos, apesar de serem o expoente máximo do desporto para pessoas com deficiência, apenas acontece de 4 em 4 anos, e os outros campeonatos? Não mereceriam também a mesma atenção? Notamos um grande lapso quando se trata da divulgação da maior parte dos acontecimentos desportivos com pessoas com deficiência.

Nada melhor do que os *media* serem o meio de difundir uma real imagem da pessoa com deficiência, deixando para trás a imagem dramática, informando o público das possibilidades de autonomia, possibilitando assim uma mais fácil inserção desta população na sociedade, deixando de lado os sentimentos de compaixão e de diferença. Para que o público em geral possa entender o desporto para pessoas com deficiência e quais os seus motivos, criando um diferente ponto de vista, para que no futuro, que esperemos próximo, sejam vistos de uma outra forma e aceites na sociedade em geral.

III – Metodologia

1. Metodologia

Feita a revisão bibliográfica, apresentamos de seguida a metodologia utilizada na nossa investigação. Tendo em conta que a formulação dos objectivos e as questões levantadas foram apresentados na introdução deste trabalho.

A pesquisa é baseada num questionário (em anexo) elaborado pelos investigadores sob a forma de questões simples e directas, sendo a recolha dos dados feita pelos mesmos. Trata-se de uma investigação do Tipo Descritivo Transversal, sendo usada a técnica do papel e lápis.

1.1. Caracterização do Instrumento

Elaborámos um questionário, apoiado numa série de questões simples e directas, dirigidas aos alunos do terceiro ano dos Cursos de Educação Física e Desporto das principais Escolas do Ensino Superior do Distrito do Porto, ou seja Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto (FCDEF-UP), Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE-IPP) e Instituto Superior da Maia (ISMAI).

As questões foram formuladas segundo uma ordem previamente estabelecida, de forma a que a informação obtida fosse uniforme e normalizada. Consideramos estritamente importante a forma como se formulam as questões e, posteriormente, a maneira como se identificam os elementos constituintes das respostas, palavras-chave, por isso procuramos ser perfeccionistas nesse ponto da investigação.

O instrumento foi validado por um painel de peritos, docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Foi previamente explicado a todos os inquiridos o objectivo do questionário e a forma de preenchimento, sendo-lhes dada garantia de anonimato.

Para o tratamento dos dados recolhidos utilizámos o processo analítico, denominado Análise de Conteúdo.

1.2. Caracterização da Amostra

A amostra foi constituída por alunos a frequentar o terceiro ano das Escolas do Ensino Superior do Distrito do Porto, isto é da FCDEF-UP, da ESE-IPP e do ISMAI.

A escolha da amostra teve em conta alunos com o mesmo grau de experiência e conhecimento, tendo como referência o Programa de cada Curso. Decidimos excluir as turmas de Opção Reabilitação, considerando que a inclusão de alunos a frequentar a Opção Reabilitação pressupõe um conhecimento mais aprofundado do tema em causa, podendo, desta forma, interferir nos resultados. De assinalar que apenas a FCDEF-UP, integra estas turmas.

Apesar de delimitada geograficamente, consideramos a população indicada para que as respostas procuradas sejam encontradas, tirando assim todas as dúvidas a esta problemática.

Quadro I – Número de inquiridos

Escola	N.º Total de Inquiridos	Sexo Masculino	Sexo Feminino
ESE – IPP	10	4	6
FCDEF – UP	12	4	8
ISMAI	12	6	6
Total	34	14	20

Foram entregues trinta e seis questionários aleatoriamente, doze por cada Escola Superior, foram recolhidos trinta e quatro, o que corresponde a 94,4 % dos questionários entregues. Por motivos que nos são alheios, dos doze questionários entregues aos alunos da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto apenas dez foram recolhidos. Como demonstra o Quadro I, dos trinta e quatro inquiridos catorze são do sexo masculino e vinte do sexo feminino.

A amostra é formada por alunos com idades compreendidas entre os vinte e os vinte e quatro anos, tendo a grande maioria vinte e um anos de idade, ou seja catorze alunos (Quadro II). Existem ainda oito alunos com vinte anos, seis com vinte e dois, quatro alunos com vinte e quatro e apenas dois com vinte e três anos.

Quadro II - Relação da idade dos inquiridos

Escola	N.º de alunos c/ 20 anos	N.º de alunos c/ 21 anos	N.º de alunos c/ 22 anos	N.º de alunos c/ 23 anos	N.º de alunos c/ 24 anos
ESE - IPP	2	2	4	1	1
FCDEF – UP	4	6	1	0	1
ISMAI	2	6	1	1	2
Total	8	14	6	2	4

Um dos critérios iniciais foi não incluir as turmas de Opção Reabilitação, sendo a FCDEF-UP, o único Estabelecimento de Ensino Superior, dos três em estudo, com essa Opção. O Quadro III mostra-nos que nesse Estabelecimento de Ensino foram inquiridos cinco alunos da Opção de Recreação e Lazer e sete da Opção de Alto Rendimento. Dos alunos de Alto Rendimento, dois estão na

área de Futebol, dois na área de Basquetebol, um em Natação, um em Hóquei em Patins e um dos inquiridos não mencionou a área de estudo.

Quadro III - Opção dos alunos da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto

Recreação e Lazer	Alto Rendimento	Total
5	7	12

A amostra escolhida teve em conta o seu nível de cultura desportiva, isto é, procurámos a opinião dos futuros profissionais na área das ciências do desporto porque «(...) a cultura é (...) vista como produção e troca de significados entre pessoas e grupos de uma sociedade. Nesta perspectiva, a cultura depende dos participantes compreenderem os significados daquilo que acontece à sua volta (...)» (Coelho, 2001, p.24).

1.3. Procedimentos

A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo, através da função principal do Tipo Heurístico, em que procuramos as principais Unidades de Registo sobre o tema em apreço. Bardin (1994, p.42) define a Análise de Conteúdo como «um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção / recepção (variáveis inferidas) destas mensagens».

A Análise de Conteúdo desempenha uma função heurística na medida em que se explora o material e se chega a uma descoberta, esta funciona igualmente como uma forma de confirmar ou não as questões inicialmente enunciadas, através hermenêutica controlada baseada na dedução, isto é, a técnica ou arte de interpretar e explicar pensamentos pelo raciocínio, fazer a dedução do que está registado. Na mesma obra (p.22), o autor considera que existem três fenómenos primordiais que afectam a investigação e a prática da Análise de Conteúdo, passo a citar: «o primeiro é o recurso ao ordenador; o segundo o interesse pelos estudos respeitantes à comunicação não verbal; e o terceiro é a inviabilidade de precisão dos trabalhos linguísticos».

Existem três fases essenciais, a denominada pré-análise; a exploração do material; e tratamento, inferência e interpretação dos resultados. Inserida na pré-análise são consideradas três etapas: a escolha dos documentos; a formulação de hipótese e dos objectivos; e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final, estas etapas não têm uma ordem cronológica estabelecida. Passaremos então a explicar todos os procedimentos realizados pelos investigadores, demonstrando a viabilidade e precisão do nosso estudo.

A partir da análise exaustiva das respostas dadas nos questionários, pela leitura objectiva e repetida, foi feita a recolha das Unidades de Registo, por palavras-chave, isto é, pela ideia central que tentaram transmitir em cada resposta, sendo agrupadas, ordenadas e contadas. Na definição das Unidades de Análise, recorreremos à Unidade de Registo onde a palavra e a frase foram os elementos fundamentais.

Sendo a Unidade de Registo considerada como a «unidade de significação a codificar e corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial» (Bardin, 1994, p. 104). Dentro da referida Unidade, geralmente, distinguem-se dois tipos de unidades, as formais, onde se inclui a “palavra” ou a “frase” e as semânticas, podendo nesta a unidade ser um “tema”.

Para se fazer a descrição analítica, que «funciona segundo procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens» (Idem, p.34), foi necessário preparar previamente as respostas dos questionários, afim de serem tratadas, permitindo assim apurar a contagem, por frequência.

A quantificação pode ser de dois tipos: uma análise quantitativa, onde se efectua o somatório da frequência da ocorrência de um determinado elemento, que foi a realizada neste estudo; ou uma análise qualitativa, onde se efectua o simples registo da ocorrência ou ausência de determinado elemento do texto em análise.

A organização da codificação requer a escolha de Unidades de Análise, de regras de enumeração e de categorias. A escolha das Unidades de Análise, devem ir ao encontro dos objectivos previamente enunciados, tendo em conta as características do material e o contexto em que se integram.

Nesta investigação iremos utilizar a “palavra” como elemento fundamental de significação da Unidade de Registo, usando a “frase” para contextualizar o sentido da palavra. Neste sentido, Bardin (1994, p.107) descreve Unidade de Contexto como aquela que «serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo e corresponde ao segmento da mensagem, cujas dimensões (superiores às da unidade de registo) são óptimas para que se possa compreender a significação exacta da unidade de registo».

Seleccionadas as unidades de análise, teremos de definir regras de enumeração, ou seja, o modo de contagem das unidades registadas. Esta fase deverá ser executada em função dos objectivos de análise. Para nós a regularidade quantitativa de aparição é que se traduzirá num dado significativo, tendo em conta que os alunos inquiridos apresentaram mais de uma resposta em cada questão formulada.

Visto isto, definimos como regras de enumeração: a) a presença de determinada unidade de registo; e b) a frequência, porque a importância da unidade de registo aumenta de acordo com a frequência do seu aparecimento.

Assim, uma Unidade de Registo é um segmento de determinado conteúdo que se caracteriza quando colocado numa dada categoria.

2. Categorias

De acordo com a linha de pensamento anterior, a próxima fase diz respeito à categorização, isto é, «à operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente estabelecidos» (Bardin, 1994, p. 117). Essas categorias podem ser descritas como assuntos pertinentes que permitirão classificar as unidades de registo sob um título genérico.

A categorização é um processo que comporta duas etapas: a) o inventário, através do qual se isolam os elementos; e b) a classificação, em que se procura distribuir os referidos elementos de forma a impor organização nas mensagens. A sua descrição refere-se à colheita de dados e à indicação dos mesmos, resultando na sua catalogação.

Para Bardin a construção de categorias pode ser feita a partir de dois processos inversos, por Categorias definidas *a priori*, em que é fornecido um sistema de categorias e repartem-se os elementos à medida que estes vão sendo encontrados; ou por Categorias definidas *a posteriori*, em que o sistema de categorias não é inicialmente fornecido, a classificação é feita progressivamente, definindo-se a categoria no final. Neste sentido, o presente trabalho define as categorias *a posteriori*, isto é, a partir das respostas dadas iremos encontrar as Unidades de Registo e, posteriormente, agrupá-las em categorias a definir de acordo com o significado e sentido daquelas.

A nossa metodologia procura fugir da intuição e da interpretação espontânea dos dados, por isso procuraremos seguir um conjunto de princípios, de forma a identificar, ordenar e atribuir um sentido à mensagem, são eles:

- a) a homogeneidade, cada categoria só poderá funcionar com um registo e uma unidade de análise;
- b) a exclusão mútua, em que cada elemento só deverá existir em apenas uma categoria, este princípio depende do anterior;
- c) a pertinência, cada categoria deve estar adaptada ao material de análise e às bases teóricas em que assenta;
- d) a objectividade, as variáveis devem ser claramente definidas e precisas, tal como os índices que determinam a entrada do elemento na respectiva categoria.
- e) a produtividade, só quando um conjunto de categorias permite resultados férteis é que pode ser considerado produtivo.

Classificar as unidades de registo em categorias exige a investigação do que cada uma delas tem em comum com as outras, já que é essa parte comum que vai permitir o seu agrupamento e respectiva codificação. Neste procedimento, as informações recolhidas serão encaminhadas para as respectivas categorias e sistematicamente simplificadas de forma a que o conteúdo se torne coerente, homogéneo, pertinente e uniforme.

Inicialmente as categorias criadas após a análise dos questionários eram demasiado extensas, possibilitando posteriormente a fusão de várias categorias numa só, pela natureza comum dos seus elementos.

Apresentamos, de seguida, o sistema categorial que se constituiu baseado nos critérios antes expostos e de acordo com as respostas enunciadas pela amostra.

Definiu-se a categoria **Divulgação**, em que o seu significado, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, diz respeito ao acto ou efeito de divulgar, isto é, tornar público; espalhar; tornar-se conhecido; dar a saber; vulgarizar. Tendo em conta esta interpretação, aglutinaremos nesta categoria todos os aspectos

relativos aos diversos tipos de divulgação pelos meios de comunicação social; publicidade e marketing.

Sendo a **Admiração** a acção de admirar; o estado de quem admira; contemplação; espanto; surpresa, esta categoria engloba a admiração pela coragem das pessoas com deficiência, pela sua vontade de ir mais além e pelo seu espírito competitivo. Alguns consideram a capacidade de superação dos atletas com deficiência tão importante ao ponto de os admirarem. Por esse motivo incluiremos nesta categoria o factor superação, que alguns dos inquiridos referiram como o grande motivo de admiração pelos atletas com deficiência.

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, alargar é aumentar, estender. Conhecimento é a faculdade de conhecer; noção; informação; saber; instrução. Neste sentido, **Alargar Conhecimentos** é saber mais sobre determinada matéria ou área. Nesta categoria incluímos a realização de trabalhos escolares e a participação no dia D que é organizado pelos alunos da FCDEF-UP.

A partir do conceito de informar, ou seja, dar informação a; avisar; dar parecer sobre; esclarecer; chegamos à categoria **Informação**, que se traduz pelo acto ou efeito de informar; comunicação; esclarecimento; indagação. Neste caso concreto pressupõe que a população em geral tenha mais e correcta informação sobre as pessoas com deficiência, também no que se refere ao conhecimento da especificidade de cada modalidade desportiva por elas praticada.

Sendo **Sensibilização** o acto de tornar sensível ou impressionável, a sensibilidade é a qualidade de sensível; faculdade de sentir. A sensibilização do público, neste ponto não se relaciona com o sentimento de pena ou compaixão, mas dar a conhecer toda a realidade que envolve o desporto

praticado por pessoas com deficiência e o que está para lá da competição, incluindo o respeito pela individualidade de cada um.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, **Curiosidade** é a qualidade do que é curioso; desejo de saber ou ver; indiscrição; objecto raro e interessante. O que é fora do “normal” ou vulgar, gera curiosidade, não quer dizer que posteriormente venha a significar interesse. As pessoas sentem curiosidade em ver como é possível os atletas com deficiência praticarem desporto de competição, ou qualquer tipo de actividade física.

O que é interessante, é tudo o que desperta **Interesse**; digno de interesse; atraente; simpático. O interesse, é o sentimento que nos leva a procurar o que nos é útil e agradável, se não o procuramos é porque não sentimos interesse.

O acto ou efeito de valorizar é a **Valorização**, isto é, dar valor a; aumentar o valor de; alcançar mais valor ou importância. Esta categoria, abrange essencialmente valorização da pessoa com deficiência como ser humano, respeitando-o e lutando contra a discriminação.

O Dicionário da Língua Portuguesa define **Apoio**, no sentido atribuído a este trabalho, como protecção; auxílio; ajuda; cooperação; acto ou efeito de apoiar. Apoiar é aplaudir; favorecer. Neste âmbito, incluímos nesta categoria a solidariedade, com o sentido de ajudar e dar apoio.

A categoria designada de **Familiaridade**, que é definida como a qualidade do que é familiar; intimidade; convivência; franqueza; confiança, tem em conta que a família são as pessoas do mesmo sangue, linhagem, descendência. Esta categoria engloba pessoas que assistem ao desporto praticado por pessoas com deficiência porque têm familiares que praticam e estão nessas equipas ou porque têm um familiar que trabalha na área.

Decidimos incluir nesta categoria os amigos mais íntimos, devido à definição anteriormente exposta.

A categoria **Compaixão**, tem como significado dor que nos causa o mal alheio; dó; pesar; piedade; comiseração; caridade. Temos que a considerar como algo prejudicial à forma de ver e encarar a pessoa com deficiência, quando analisada nesta perspectiva. Neste sentido, solidariedade não é sinónimo de compaixão.

Como a **Oportunidade** é a qualidade de oportuno, isto é, que vem a tempo; apropriado; conveniente; favorável. Quando os inquiridos admitem que não tiveram oportunidade para se deslocar e assistir a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência, pressupomos que não lhe é conveniente ou favorável.

A categoria **Gosto pelo Desporto**, aglutina respostas em que os alunos inquiridos admitem que as razões que os levam ou levam a generalidade das pessoas a assistir a acontecimentos desportivos praticados por atletas com deficiência é pelo gosto pelo desporto em geral, e pelas mesmas razões que as levam a assistir ao desporto praticado pelos atletas "ditos normais", sem fazer diferença.

Terminada a definição das categorias encontradas, prosseguiremos o nosso estudo, apresentando de seguida os resultados encontrados e a sua análise e discussão.

IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

Antes de apresentarmos os dados qualitativos obtidos pela análise de conteúdo, surge a necessidade de indicar inicialmente os resultados de carácter quantitativo, que se revelam de extrema importância para o prosseguimento desta investigação. Para uma leitura mais fácil e elucidativa dos dados e para melhor orientação, decidimos apresentar os resultados separadamente de acordo com a questão a que diz respeito. Posteriormente faremos uma conclusão global, apesar de que todas as questões se encontram de certa forma relacionadas e interligadas.

1. Já assistiu a modalidade(s) desportiva(s) praticada(s) por pessoas com deficiência?

Na primeira pergunta do questionário, através de uma cruz, os inquiridos responderam se já tinham ou não assistido a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência, ao vivo, isto é, não foi considerada a assistência televisiva, mas sim o facto dos inquiridos se deslocarem a fim de assistirem, o que foi explicado aquando da entrega do instrumento de estudo.

O Quadro IV é representativo de que mais de metade da população inquirida respondeu que não assistiu a modalidades desportivas praticadas por pessoas com deficiência, ou seja, numa amostra de trinta e quatro alunos, 47% dos inquiridos responderam que sim e 53% responderam que não assistiram.

Numa análise mais detalhada do referido Quadro, deparamo-nos com o facto de quase todos os alunos da FCDEF-UP terem assistido a acontecimentos desportivos para atletas com deficiência, tal se deve ao facto da sua participação no Dia D, dedicado à pessoa com deficiência e promovido pela Faculdade onde os alunos estudam. Na proporção inversa estão as respostas dos alunos do ISMAI. Se retirarmos da nossa análise as respostas

relativas à FCDEF-UP, deparávamo-nos com uma grande percentagem de não assistência.

Quadro IV – Número de inquiridos que assistiu e não assistiu a modalidade(s) desportiva(s) praticada(s) por pessoas com deficiência

Escola	Sim	Não
ESE – IPP	4	6
FCDEF – UP	10	2
ISMAI	2	10
Total	16	18
	47 %	53 %

É caso para perguntar, se os profissionais do desporto não assistem a eventos desportivos praticados por pessoas com deficiência, porque é que a população em geral deve assistir? Os adeptos desportivos fazem parte de todas as vertentes da sociedade, pelo impacto e variedade de escolhas, selecção de heróis, emoção e agressão, relações interpessoais, âmbito psicológico e social, bem estar e muitas outras componentes da vida, no seu dia-a-dia. Estará aqui incluído o atleta com deficiência?

O grande motor do espectáculo desportivo é, sem dúvida, o público, tudo é feito de forma a cativar o seu interesse e atenção, muitas vezes alimentado pelo patriotismo excessivo. «Uma competição desportiva, um espectáculo desportivo não são apenas uma avaliação de rendimentos corporais em confronto» (Constantino, 2002, p. 6). Para que haja emoção são tão necessários os atletas como os adeptos, tanto pela alegria como pela angústia que cria. Os próprios atletas se exibem de maneira a tornar o espectáculo mais agradável a quem assiste. O desporto para pessoas com deficiência é equivalente ao desporto em geral, apenas possui uma identidade própria, aliás

como qualquer variante desportiva, isto é de acordo com o sexo ou escalão etário.

Em qualquer modalidade desportiva, em qualquer tipo de desporto praticado por qualquer tipo de população apenas se dá importância, visualização e conseqüente mediatização à alta competição. O que se reflecte no número de pessoas que assiste a esses acontecimentos desportivos.

2. Baseado na resposta anterior, enumere as razões para o sucedido.

Foi pedido que, por extenso, os inquiridos indicassem as razões para a sua ida ou não a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência. Alguns dos inquiridos indicaram mais do que uma razão justificativa.

Quadro V - Razões porque assistiram

Categorias	N.º de Frequência
Alargar Conhecimentos	9
Curiosidade	3
Admiração	3
Familiaridade	2
Achar interessante	1

Ao fazer uma análise mais detalhada ao Quadro V verificamos que, nove dos inquiridos assistiram para alargar conhecimentos, isto é para a realização

de trabalho escolar ou participação no dia D, esta análise encontra-se em consonância com o exposto na questão anterior. Três responderam que sentiram curiosidade e por isso resolveram ir. Outros três por admirarem as pessoas com deficiência e os seus feitos desportivos. Dois assistiram por terem familiares praticantes ou a trabalhar na área na vertente desportiva. Por fim, um dos inquiridos já assistiu por achar interessante (Quadro VI).

A amostra do nosso estudo é constituída por estudantes universitários, que têm no programa do seu curso disciplinas que abordam temas da área em questão, muitos são obrigados a elaborar trabalhos e a investigarem matérias sobre o assunto pessoas com deficiência e desporto, daí a maioria referir alargar conhecimentos como razão pela qual assistiram a acontecimentos desportivos praticados por atletas com deficiência. Se a sua carreira universitária não o exigisse, será que esses alunos se deslocariam a eventos desportivos praticados por pessoas com deficiência?

Somos da opinião que as atitudes favoráveis da sociedade face às pessoas com deficiência melhoram na medida em que aquelas conhecem ou possuem vivências com essas pessoas. Os futuros profissionais da área do desporto têm na sua universidade a possibilidade de lidarem com esta problemática, de a estudar e de tirar as suas conclusões pessoais, esperamos que seja benéfico, no sentido de melhorar cada vez mais as atitudes face a esta população. Começando por aqui, talvez seja mais fácil alargar este sentimento à população em geral, tendo como início a base dos profissionais do desporto.

Quando os alunos inquiridos falam em Admiração, completam o seu raciocínio dizendo «admiro a maneira como eles se superam...». Superar-se é ir além dos seus limites, subjacente à triologia do espírito olímpico enunciada por Pierre de Coubertin, *citius, altius, fortius*, essa superação não se aplica somente ao desporto, mas sobretudo a todos os caminhos da vida. Superação aqui é vista como um dos muitos momentos de transcendência, proporcionados

pela pessoa com deficiência. «Entendemos que o desporto é uma manifestação lúdica, provida de uma ideia de rendimento em busca de uma constante superação, sendo que estas três categorias se expressam pelo corpo em esforço» (Garcia, 1999, p.6), sendo que o corpo em esforço para uns é glorificado e para outros é negado porque buscam o prazer sem esforço. «São a *performance* atlética e o desafio físico que nos suscitam admiração. A excepcionalidade corporal, o fascínio. Aqui começa o espectáculo desportivo» (Constantino, 2002, p. 10).

A curiosidade das pessoas em se deslocarem para assistir a acontecimentos desportivos praticados por atletas com deficiência também foi invocada pelos inquiridos, quanto a nós, os meios de comunicação social são o melhor veículo para aumentar a curiosidade do público. «Faz parte da natureza do Homem rejeitar situações que lhe provoquem emoções negativas e, se o indivíduo com deficiência desencadeia sentimentos de ansiedade e embaraço nos seus pares sociais, estes últimos protegem-se dessas cargas negativas reagindo com atitudes e comportamentos prejudiciais, tais como a piedade, a super-protecção, a segregação, a alienação e a rejeição» (Calvo, 2001, p.83).

Ultimamente assistimos essencialmente na televisão, na mais sensacionalista, algumas reportagens sobre pessoas com deficiência, verificamos que essas notícias se assumem de forma mais caritativa que propriamente formativa, mostrando uma realidade piedosa realçando as suas limitações e incapacidades, em vez das capacidades e sucessos. Aguçando a curiosidade do público, este seria capaz de perceber todo o processo de gira em volta do desporto para pessoas com deficiência.

A questão da família não poderia ser esquecida, tal como acontece com o desporto amador e o que é praticado pelas crianças e jovens atletas, as bancadas, se as houver, apenas se “enchem” de familiares, pais e amigos, para apoiarem e auxiliarem os seus entes queridos, o desporto praticado por

atletas com deficiência não foge à regra e muitas das pessoas que assistem são unicamente familiares e amigos.

Foram muito mais uniformes as razões apontadas pelos inquiridos que ainda não assistiram a modalidades desportivas praticadas por pessoas com deficiência. Oito responderam que a razão foi não haver divulgação suficiente, sete não assistiram por falta de **oportunidade** e quatro admitiram a falta de interesse.

Ao verificarmos os resultados, expressos no Quadro VI, parece-nos notória a importância dada à divulgação do desporto para pessoas com deficiência como razão para a falta de assistência por parte do público.

Um outro dado importante relaciona-se com o facto de sete dos inquiridos alegarem falta de oportunidade, pensamos que esta está intimamente ligada à falta de interesse invocada por quatro dos inquiridos. Quando se tem interesse, em relação a qualquer que seja o assunto ou actividade, as pessoas arranjar sempre uma maneira de criar as oportunidades para não perderem essa actividade ou acontecimento.

Quadro VI - Razões porque ainda não assistiram

Categories	N.º de Frequência
Falta de divulgação	8
Falta de oportunidade	7
Falta de interesse	4

Apesar da análise quantitativa do referido Quadro nos revelar grande incidência na falta de oportunidade, convém efectuar uma avaliação

pormenorizada ao conteúdo das opiniões (respostas), de modo a compreendermos todo o processo que pode ou não levar as pessoas a assistir a acontecimentos desportivos praticados por atletas com deficiência.

Em etapas anteriores desta investigação abordamos os temas identificação e valor estético, que se assumem como um aspecto importante na análise destes dados, principalmente quando referimos que ninguém se quer identificar com alguém que foge ao padrão estético considerado normal. Assim sendo, o processo de identificação, do tipo heróico, tem em conta a performance e a dimensão corporal. «O corpo surge como forma privilegiada de apresentação do Eu, é elevado a fornecedor de sentidos e a símbolos de identidade, oferece possibilidades variadas aos processos de individualização e fundamentação da identidade» (Bento, 1995, p.204). O corpo tem sido visto como uma forma de acesso a determinados locais ou papéis sociais.

Torna-se difícil ou quase impossível a identificação e o facto de tornar herói a imagem de um corpo com deficiência, porque este não se encontra dentro dos padrões estéticos vigentes, impostos pela sociedade actual. Como tal, o público em geral tem **falta de interesse** em assistir a desporto praticado por atletas com deficiência, porque não se identificam com os seus protagonistas. O que implica igualmente falta de emoção naqueles acontecimentos, por não existirem heróis, ao mesmo tempo, a ausência de público desvaloriza a performance dos atletas. «A imagem do desporto inicia-se pelos níveis estéticos mais evidentes, um aspecto plástico e coreográfico que envolve esse espectáculo. Ou seja, o domínio do corpo pela ideia» (Freitas, 2000, p. 38).

«O corpo é visto hoje como um símbolo de valores, de culturas, da nossa identidade» (Barbosa, 1997, p.108), para promover o êxito pessoal carregado de ideais individualistas, de forma a alcançar a desejada felicidade. Ninguém gostaria de se identificar com um corpo com deficiência, ou algo que lhe possa estar associado, por exemplo a deficiência mental. Mas se o

processo de identificação do público com os atletas não se baseasse nas questões estéticas, mas essencialmente «na identificação do Homem e da marca como percepção do esforço e da superação alcançada» (Calvo, 2001, p.123), então desta forma o público gostaria de se identificar com a pessoa com deficiência.

Quando a generalidade das pessoas assiste a actividades desportivas com atletas com deficiência, não falam no aspecto da identificação ou que têm um atleta que gostam ou um clube de “coração”, talvez porque se gostamos muito de determinada pessoa, tendemos a ser influenciados por ela a querer ser como ela. Reduzida identificação com os intervenientes, com o seu clube de coração, pressupõe reduzido interesse e consequentemente falta de público. «Sem emoção ou sem um completo processo de identificação é difícil haver público, quer se trate de desporto com deficientes ou com pessoas sem essa conotação» (Moura e Castro & Garcia, 1998, p. 11).

Os atletas são o foco da emoção no desporto, proporcionando aos adeptos emoção mais que suficiente, quebrando a rotina com momentos raros de entusiasmo. Mas baseamo-nos nas palavras de Calvo (2001, p. 134) quando afirma que «(...) o escasso interesse revelado, pelos patrocinadores, no apoio ao Desporto para Deficientes deve-se, acima de tudo, ao impacto que a sua imagem provoca na sociedade». Não pode existir espectáculo sem heróis, ídolos, são eles os responsáveis pela identificação das pessoas por determinado evento e dele quererem fazer parte, espectáculo, no sentido da palavras pressupõe espectadores. «Mas interessa, aqui, reter esta constatação importante: a violência é desejada pelo espectador que quer um espectáculo “interessante” e “vivo”» (Carvalho, 1985, p. 201). O desporto gera entusiasmo na medida em que funciona como mecanismo de compensação, o que não é conivente com o desporto para pessoas com deficiência, não estamos a imaginar grandes batalhas nas bancadas só porque um atleta com deficiência falhou um golo ou um ponto, ou a insultarem o classificador ou o árbitro.

«Nem sempre se está consciente de que a possibilidade de um homem fisicamente diminuído alcançar ou manter uma posição de liderança ou de elevado poder social e dignidade é um fenómeno relativamente recente no desenvolvimento das sociedades» (Elias e Dunning, 1991, p. 208). O herói é o símbolo do êxito, da vitória sobre os obstáculos, no sentido da palavra, a pessoa com deficiência é um verdadeiro herói, mas não é visto como um exemplo a seguir, porque as pessoas não se identificam com elas. Não se enquadram no tão falado ideal de perfeição, ou seja não são um modelo de identificação, porque fogem dos padrões estéticos vigentes.

Se tivermos em conta a época mais marcante, em termos de identificação com os heróis, da vida dos jovens, que é a adolescência, observamos a grande importância que tem a imagem corporal, sendo muitas vezes a *performance* é relegada para segundo plano. E é aqui que a pessoa com deficiência é rejeitada, sendo a sua *performance* ofuscada pelo seu corpo não atractivo. Mas terão os atletas com deficiência consciência da sua performance? Será que têm a noção de serem heróis? Quais serão os heróis para eles, os ditos "normais" ou os seus pares? Existem fans desportivos para os atletas com deficiência? «A história só fala dos pequenos quando eles se encontram com ela na qualidade de vencedores. E para o desporto da nossa sociedade industrial isto é uma tremenda realidade. O que conta é a eficácia, o resultado» (Costa, 1997, p. 61).

3. Dê a sua opinião pessoal sobre as razões que levam as pessoas a assistirem a acontecimentos desportivos com pessoas com deficiência.

Como estudantes do Ensino Superior nas áreas de Educação Física e Desporto, foi-lhes pedido que, em função dos seus conhecimentos e como futuros profissionais, dessem a sua opinião pessoal, acerca dos motivos que

levam as pessoas a assistir a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência, descritas no Quadro VII.

Conforme o referido Quadro, dezoito dos inquiridos argumentaram que as pessoas assistem pelo gosto pelo desporto, independentemente deste ser praticado por pessoas com deficiência ou não, ou seja pelas mesmas razões que as levam a assistir a actividades desportivas praticadas por pessoas “ditas” normais. Nove referiram a curiosidade em saber como se comportavam estas pessoas ao praticarem desporto. Seis enunciaram que o motivo é ver um familiar que pratica ou trabalha na área. Cinco por acharem interessante. Três para apoiar os atletas, um por compaixão e um por admiração pelos atletas com deficiência.

Quadro VII – Razões que levam o público a assistir a acontecimentos desportivos com pessoas com deficiência

Categories	N.º de Frequência
Gosto pelo desporto	18
Curiosidade	9
Ver os familiares	6
Achar interessante	5
Apoiar	3
Compaixão	1
Admiração	1

Segundo Shigunov (1998, p.108) as pessoas que assistem a espectáculos desportivos procuram essencialmente o divertimento e visualização da técnica, como forma de poderem alterar o ritmo do trabalho

diário. Ou seja, apesar da maior percentagem de ocorrência, indicar que as pessoas assistem pelo gosto pelo desporto, convém efectuar uma análise detalhada, de modo a compreendermos todo o processo que envolve as pessoas, qual o real interesse que as leva a assistir, se tal tem a ver com o desporto em si ou somente com os seus intervenientes e protagonistas.

Numa análise rápida e generalista aos resultados obtidos, ficamos com a percepção de que grande parte dos inquiridos considera que as pessoas assistem porque gostam do desporto em geral, não diferenciando os atletas que o praticam e a sua condição. Vão para assistir à sua superação física, psicológica e admiram a sua força de vontade. Estarão obviamente a falar de pessoas sem preconceitos. O que acontece é que existem poucas pessoas assim, porque as bancadas neste caso específico continuam “despidas”.

O que leva a generalidade das pessoas a assistirem ao espectáculo desportivo, nomeadamente ao futebol, baseados nas afirmações de Morris(1981), Costa (1990) e Freitas (2000) entre outros, é devido ao facto de ser uma modalidade rápida, fluente e imprevisível, existe um grande investimento por parte das empresas, gera uma contradição agradável: altamente previsível e imprevisível, tem regras simples e movimentos familiares, isto é, compreensíveis a quem observa, tem temas limitados e variações infinitas. Gostar do desporto é apreciar a beleza do movimento realizada pelos atletas, o atingir dos melhores resultados, ir mais além das suas capacidades e acima de tudo bater todos os recordes, isto comporta um ideal de *performance* que é apenas visível nos escalões mais altos, porque se batem os maiores recordes os resultados mais elevados quantitativamente, é a já falada sociedade virada para o rendimento. «O público participa nos desportos colectivos através da identificação dramática. Essa identificação é proporcional ao entusiasmo demonstrado pela assistência» (Freitas, 2000, p. 39). O espectáculo desportivo apenas pode ser registado e nunca pode ser reproduzido, precisamente porque é imprevisível. O mesmo não acontece com o desporto praticado por atletas com deficiência, as regras não são tão simples

e existem inúmeras classes e áreas de deficiência porque está organizado por grupos de deficiência com características etiológicas semelhantes, o que torna difícil a compreensão para quem desconhece totalmente.

No seu estudo, Wann et. al. (2001, p.53) fala-nos na teoria do entretenimento, que sugere que os espectadores gostam do jogo por causa das suas componentes específicas, o que lhes provoca prazer, esta teoria inclui a noção estética e assume que os espectadores se identificam com os comportamentos dos outros. O mesmo autor baseado nos trabalhos de Murrell & Dietz (1992), Wakefield (1995), Wann & Branscombe (1993), Wann, Roberts & Tindall (1999), afirma que um grande número de estudos descobriram que o grau de identificação com a equipa influencia o nível de público no jogo. As pessoas que assistem ao desporto praticado por atletas com deficiência gostam de presenciar a superação dos atletas, os seus feitos incríveis, mas não se identificam com os atletas, por isso não vibram da mesma maneira que no futebol. «Qualquer desportista é capaz de afirmar que um público entusiasmado os ajuda a superar-se, enquanto um público frio é capaz de esmorecê-los» (Vargas, 1995, p.32).

4. O que acha que seria necessário para que houvesse mais público nos desportos para pessoas com deficiência.

Foi pedido que os inquiridos referissem aspectos que seriam necessários para que houvesse mais público no desporto praticado por pessoas com deficiência.

Como se observa no Quadro VIII, trinta referiram que devia haver mais divulgação, ou seja, apenas quatro dos inquiridos não mencionaram este aspecto, neste parâmetro incluímos a publicidade mencionada por alguns.

Cinco consideram que deveria existir maior valorização humana por parte da sociedade em geral. Três enunciaram que deveriam haver mais eventos desportivos com esta população de modo a motivar as pessoas a assistir. Três acham que deveriam haver mais apoios incluindo os económicos, principalmente no que diz respeito ao Estado. Dois referem que se houvesse mais e correcta informação, essencialmente pelos meios de comunicação, o panorama mudaria. Dois afirmam que as pessoas deviam estar mais sensibilizadas para o assunto. E dois consideram que os clubes se deviam empenhar mais, através da inclusão de pessoas com deficiência e respectivas modalidades desportivas.

Quadro VIII – O que seria necessário para que houvesse mais público nos desportos praticados por pessoas com deficiência

Categories	N.º de Frequência
Mais divulgação	30
Maior valorização humana	5
Mais eventos	3
Mais apoios	3
Mais e correcta informação	2
Maior sensibilização	2
Mais empenho dos clubes	2

Segundo Moltó (2001, p. 11) são três as acções responsáveis pela mudança de atitudes favoráveis face à deficiência, no que diz respeito às componentes cognitiva, afectiva e comportamental, são elas «o contacto directo com as pessoas com deficiência, o conhecimento objectivo da deficiência e a vivência da mesma por parte de pessoas sem deficiência». Apresenta-nos, de igual modo, no seu trabalho dez pontos a desenvolver para

oferecer uma imagem que estimule a inclusão da informação acerca das pessoas com deficiência: mostrar o lado positivo da deficiência; dar atenção às soluções; permitir que as pessoas com deficiência falem sobre si mesmas; digamos pessoas com deficiência; evitar a imagem de “gueto”; cuidado com os mitos; sem exageros; ver todas as facetas; informação normalizada; informação acessível e acessibilidade à informação. A realização dos referidos pontos só será possível na medida em que seja feito um trabalho partilhado com os profissionais no âmbito da deficiência e os profissionais da comunicação social.

Pode facilmente observar-se uma maior ocorrência no que diz respeito à divulgação, a nossa amostra considera que se houvesse mais divulgação haveria mais público no desporto praticado por pessoas com deficiência, porque inicialmente elas assistiriam pela já falada curiosidade. Em etapas anteriores deste trabalho já nos consciencializamos de que uma linguagem atraente por parte dos media para relatar o desporto praticado por pessoas com deficiência, seria capaz de criar nas pessoas emoção e curiosidade suficientes para se deslocarem e assistirem a um evento desportivo.

«O bom funcionamento entre os Homens passa impreterivelmente por uma boa comunicação, estando esta intrinsecamente dependente de uma informação transmitida na quantidade e na qualidade adequada» (Calvo, 2001, p.163). Na comunicação social o que vende são os casos polémicos, pois é o que o público deseja saber. No caso específico da população do nosso estudo, verifica-se que desde sempre os meios de comunicação social utilizam a deficiência como meio de causar sensação, baseada na piedade, este aspecto tem de mudar. Os dados alcançados corroboram com outros estudos efectuados, por autores aqui abordados, noutras áreas sociais, não apenas na desportiva, nomeadamente Carvalho, Brito, Constantino, entre outros.

De facto, todos somos da opinião que os meios de comunicação social ajudam a promover o espectáculo e o suporte comercial que o enquadra. Os

jornalistas, através dos seus comentários e das suas análises, têm a capacidade de influenciar o público, muitas vezes através da manipulação da informação de forma a agradar, a criar audiências e sensacionalismos. Este poder podia ser aproveitado para fomentar valores humanos no público, acabando assim com a discriminação em proveito de maior cultura na comunidade. Porque «Um desporto que não é “televisivo”, isto é, que tenha dificuldade em se transformar em espectáculo para a TV, corre o risco de ser deixado de lado. Ainda que, com recursos modernos, qualquer acontecimento esportivo possa virar espectáculo» (Vargas, 1995, p.123). O que é mediaticamente relevante são os resultados desportivos ao mais alto nível.

«A imprensa desportiva, através dum processo de heroicização bem presente na sua linguagem, transforma rapidamente os grandes atletas em artistas maravilhosos (...). Os heróis do desporto funcionam, no imaginário popular e com a colaboração da imprensa desportiva, como representantes do seu povo e como modelos de imitação para os seus admiradores» (Costa, 1997, p.17). A sociedade actual, como não nos cansamos de repetir ao longo do nosso estudo, caracteriza-se por ser extremamente mediática, onde a imagem corporal assume papel de relevo, neste contexto a pessoa com deficiência carece dessa tão ansiada imagem perfeita e fica à margem do socialmente aceite. Quando a nossa amostra refere o aspecto da valorização humana, teremos que esquecer o aspecto físico e exterior para que a pessoa com deficiência possa ser valorizada pelos seus feitos e principalmente como ser humano que é, com todos os seus direitos. O atleta com deficiência é um modelo de superação, de dupla superação, no que respeita à capacidade de transcendência dos seus próprios limites e da sociedade em geral no que compete à atitude humana.

Ainda existem inúmeras barreiras para a pessoa com deficiência quando se organiza a vida em sociedade, aquelas são muitas vezes esquecidas, são quase invisíveis. À grande maioria das pessoas com deficiência é vedada ou simplesmente aconselhado que não frequentem academias desportivas, ou são

elas próprias que as não procuram por não se sentirem à vontade, como em geral acontece quando desejam praticar algum tipo de actividade física fora de uma instituição especializada. Neste âmbito as autarquias deviam ter também uma influência no sentido de inverter esta situação, procurando sempre melhor a qualidade de vida de qualquer cidadão. «(...) os atletas com deficiência devem receber a mesma projecção por parte dos media, pois tratá-los de uma maneira diferente num contexto semelhante é marcar de uma forma negativa a sua diferença» (Calvo, 2001, p. 144).

Mais empenho por parte dos clubes na criação de equipas, potenciaria o desenvolvimento das modalidades e conseqüentemente a inclusão de um maior número de atletas, dando oportunidades, abrindo assim as portas à população em questão.

Na lógica comercial e concorrencial, sendo o objectivo a venda de maior volume de informação possível, «(...) era do directo, da abundância informativa, do info - espectáculo, temos uma exigência de responsabilidade acrescida dos *media*, de limites razoáveis à liberdade de informação, de moralização do trabalho do jornalista» (Lipovetsky, 1994, p. 262), em prol da necessidade imperiosa de informar o público, o mais rapidamente possível. Cada vez mais surge a preocupação por parte do público, da classe política e dos próprios jornalistas, de fazer respeitar e garantir a ética dos *media* e de denunciar todos os casos que dela fogem.

V – Conclusões

Vários foram os investigadores, entre os quais destacamos Garcia, Moura e Castro, Marques e Calvo, que abordaram a problemática e importância do desporto praticado por pessoas com deficiência. Contudo, observamos uma quase inexistência de estudos sistematizados sobre a falta de público nos acontecimentos desportivos por eles praticados, o que, de certo modo, constitui uma limitação à realização deste trabalho. A investigação existente acerca dos espectadores desportivos centra-se principalmente e quase exclusivamente nos espectadores violentos.

Apesar da lenta evolução no que concerne ao desporto praticado por pessoas com deficiência, consideramos que os resultados são de sucesso porque todas as evoluções são morosas e encontram inúmeros obstáculos, principalmente se queremos mudar mentalidades tão enraizadas. Surgem investigadores e profissionais desta área que tentam mobilizar e adaptar as modalidades desportivas a qualquer tipo de população, foram criadas modalidades específicas para pessoas com deficiência que, no nosso entender, deveriam ser igualmente praticadas por aqueles que se dizem "normais".

Atendendo ao objectivo geral e de acordo com as opiniões expressas pela amostra, foi-nos possível identificar algumas dessas razões.

No final deste trabalho, podemos apresentar algumas conclusões relativas as razões para a falta de público no desporto para pessoas com deficiência. O processo de identificação do tipo heróico tem em conta a performance e uma dimensão corporal, o que faz com que não seja atractivo identificarmo-nos com alguém que corporalmente não corresponde ao ideal de perfeição. Como tal, reduzida identificação pressupõe público reduzido.

O desporto praticado por pessoas com deficiência rege-se pela lógica da sociedade actual e no rendimento, mas quem forma essa mesma sociedade é

cada um de nós, são todos os cidadãos que conforme a construíram a podem alterar e melhorar, não só no aspecto desportivo, mas em todos os aspectos sociais, em busca dos valores que se dizem perdidos e da já enunciada ética.

Em função do que foi comentado nos últimos parágrafos podemos concluir que:

- 53% dos inquiridos nunca assistiu a(s) modalidade(s) desportiva(s) praticada(s) por pessoas com deficiência. Dos 47% que assistiram, 26,4% fizeram-no devido ao Dia D, ou seja para **Alargar Conhecimentos**;
- O que leva a generalidade das pessoas a assistir a desporto para pessoas com deficiência é o **gosto pelo desporto** em geral, movidos pela **curiosidade** e **admiração** pela superação dos atletas. Para além de acompanhar os seus **familiares**;
- Não existe público porque há **falta de interesse**, este traduz-se pela falta de identificação com os atletas. Como tal as pessoas não criam as **oportunidades** para assistir;
- A categoria **divulgação** é aquela que se apresenta com maior percentagem de ocorrência e surge como a condição básica para que possa haver mais público no desporto praticado por pessoas com deficiência;
- Com mais **apoios** por partes das Entidades responsáveis, seria possível a promoção de mais **eventos** e a sua **divulgação**, de forma a **informar** o público e a **sensibilizá-lo**, promovendo desta forma a **valorização** humana.

Tanto a função estética como a performance por si só não são razão suficiente para conseguir grande assistência desportiva, é um misto de emoção e identificação que move as pessoas, levando-as aos recintos desportivos, e só apenas uma forma de expressão desportiva é capaz deste feito, como não nos cansamos de afirmar, o desporto espectáculo.

Creemos que a fraca adesão de público nos acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência se deve essencialmente às diferenças corporais dos atletas, no que diz respeito ao valor estético porque cada vez mais o corpo assume grande importância, em detrimento da performance desse mesmo corpo, à própria ética desportiva e conduta moral. Como afirma Moura e Castro e Garcia (1998, p.207) «o processo de identificação, de tipo heróico, passa igualmente pela dimensão corporal». O atleta com deficiência não tem a noção de ser um herói desportivo, apenas porque não é tratado como tal, apesar dos seus feitos transcendentais.

O público assiste a acontecimentos desportivos que gerem emoção, isto é, aqueles em que jogue o seu clube ou o seu atleta favorito, com o qual se identifica. Este processo de identificação não acontece quando nos referidos aos atletas com deficiência, como tal não gera emoção suficiente para haver público. Para Brito (2001, p.37) a identificação é o «processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo de outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa», sempre com a consciência de pertencer a um grande grupo, de forma a possuir a força complementar que daí advém.

Em função do que foi comentado, apoiamo-nos nas palavras de Bento (1998, p.69), que concebe o desporto como «uma actividade destinada a festejar o ético e estético, a ser espectáculo de vivência e recriação de atitudes e sentimentos positivos, transforma-se, não raras vezes, num cenário marcado por comportamentos de grosseria e bestialidade, bem próximos da mais crua barbárie». A grande barbaridade da sociedade actual é assentar na imagem

corporal e no culto do corpo perfeito, porque as grandes diferenças corporais marcam de forma absurda a vida de qualquer ser humano, visto como principal veículo de integração na sociedade actual. Como refere Barbosa (1997, p.40) «A publicidade adquire um papel importante, pois utilizando de uma forma cada vez mais perfeita a sedução, mostra a importância dos produtos fundamentais para os narcisistas (...). A sociedade de consumo passa uma imagem de liberdade».

A maioria dos profissionais dos meios de comunicação social apenas dá atenção aos assuntos sensacionalistas. Existe uma certa marginalização no que concerne à pessoa com deficiência. A deficiência caracteriza-se sobretudo pela diferença, o que no domínio da informação tem como principal função relatar os eventos mais notáveis, fora do normal e sempre com pouco destaque. Como afirma Calvo (2001, p.13) «a actividade desportiva converteu-se num espectáculo modelado de forma a ser consumido pelos espectadores, como poderão demonstrar os índices de publicidade produzidos num evento desportivo, bem como o número de vezes que determinadas personagens da vida política nacional e internacional aparecem, não só junto de atletas, como em manifestações desportivas de interesse global».

Concluimos que os meios de comunicação social podem ser o veículo da difusão da imagem da pessoa com deficiência como pessoa acima de tudo, deixando para trás a tão abordada imagem dramática, de compaixão e essencialmente de diferença. Urge o reconhecimento público, a promoção e revelação da imagem positiva da pessoa com deficiência. «As sociedades modernas são sociedades banhadas de informação, crescentemente dependentes no seu tempo, da informação produzida, cada vez mais influenciadas e moldadas por padrões, imagens e ritmos impostos pela comunicação social, sobretudo a televisão» (Constantino, 2002, p. 7).

Algumas coisas teriam de mudar no que respeita aos meios de comunicação social, principalmente no que diz respeito à linguagem utilizada,

esta deveras importante na criação da emoção, mas que muitas vezes denegride a imagem de alguns, principalmente dos vencidos, esta situação e outras não seriam de modo algum compatíveis com o desporto para pessoas com deficiência, criaria momentos de autêntica humilhação, estaria a sociedade preparada para isso?

Não sejamos pessimistas, notamos já uma mudança, que apesar de lenta, evolui de forma positiva e ascendente. Para que a nossa sociedade se torne inclusa é necessário que seja mais flexível, aberta e enquadrada com a realidade. O desporto é capaz de transmitir ao Homem, através da sua linguagem universal, uma imagem autêntica de si próprio, dando um novo sentido à vida, de modo a ultrapassar a crise de valores que afecta a sociedade moderna, porque tem o poder de influenciar o imaginário das massas populares.

«Depois de um período de discriminação às mulheres e aos atletas de cor, vivemos um outro em que a separação se faz pela cor do dinheiro. Não é fácil conciliar interesses de espectadores, jornalistas, atletas, televisões e *sponsors*» (Afonso, 1997, p.70). O público no desporto tem a possibilidade de participar, principalmente se se identifica, o que gera uma enorme emoção partilhada.

«Necessitamos de uma Comunicação Social, socialmente comprometida com o País, a quem deve caber um papel essencial na análise e avaliação da realidade desportiva» (Constantino, 1992, p.206). A comunicação social é um autêntico negócio, embora muitas vezes é-nos apresentada como um bem público, mas esse bem deveria ajudar as grandes causas, daqueles que apesar de quererem fazer parte e ter acesso à prática desportiva mas não têm voz.

Para concluir, e apesar de ficar a sensação de que muito ficou por dizer, não podemos deixar de lembrar que os meios de comunicação social têm um papel deveras importante na mudança de atitudes da sociedade, caso passem

a real imagem para o público. Através da promoção do contacto directo com as pessoas com deficiência, com o conhecimento objectivo da própria deficiência e com a sua vivência. Proporcionando assim o alargamento de conhecimentos face a esta população. «O espectáculo desportivo precisa da Comunicação Social na mesma medida em que esta precisa daquele: é impensável um viver sem o outro» (Constantino, 1992, p.204).

Para finalizar queríamos apresentar-vos a opinião de Wann (2001, p.181), sobre a acção e importância dos espectadores desportivos, uma das razões que nos levaram a debruçar sobre este estudo, o espectador desportivo é capaz de revelar a expressão emocional; de proporcionar um espectáculo de qualidade; aumentar a comunicação; facilitar a identidade nacional; produzir capital social; contribuir para o processo de socialização; aumentar a integração em todos os níveis e ajuda no controlo social. «O espectador faz parte do acto desportivo. Assim, quando queremos fomentar e motivar as pessoas para a prática desportiva, particularmente as pessoas deficientes, devemos dar-lhe a oportunidade de se colocarem como espectadores» (Moura e Castro, 1996, p. 26).

VI – Recomendações e Sugestões

Sugerimos que este estudo seja replicado a outra zona geográfica ou a outra amostra, promovendo posteriormente a comparação dos dados obtidos.

Sugerimos que sejam realizados questionários como o aplicado nesta investigação, mas tendo como amostra o público que se desloca para assistir a acontecimentos desportivos praticados por pessoas com deficiência.

Como a divulgação é considerada primordial na informação e formação da sociedade, sugerimos que sejam realizados mais trabalhos de investigação na área da comunicação social e na sua abordagem às pessoas com deficiência.

Seria pertinente inquirir os próprios agentes de comunicação social, de forma a analisar qual a sua opinião sobre o tema em questão.

Como em Portugal os resultados desportivos com atletas com deficiência atingiram grande expansão em termos internacionais, estes deveriam ser o estímulo para que as instituições que se empenham na reintegração social das pessoas com deficiência, fossem mais apoiadas a todos os níveis.

Antes de levar a pessoa com deficiência a praticar alguma modalidade desportiva, devia-lhe ser dada a oportunidade de apreciar o desporto como mero espectador, como forma de cativar e incentivar à prática.

VII – Bibliografia

- ❖ Actas de Seminário - Conselho Nacional de Educação. (1994). A Educação e os Meios de Comunicação Social. 1ª Edição. Editorial do Ministério da Educação, Lisboa.
- ❖ Actas de Seminário. (2000). A Recreação e Lazer da População com Necessidades Especiais. FCDEF-UP. Câmara Municipal do Porto, Porto.
- ❖ Afonso, A. (1997). Análise dos Valores Olímpicos na Escola e na Imprensa Desportiva. Dissertação de Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens. FCDEF-UP, Porto (Não Publicada).
- ❖ Aronson, E. (1999). O Animal Social – Introdução à Psicologia Social. Coleção Epigénese. Desenvolvimento e Psicologia. Instituto Piaget, Lisboa.
- ❖ Barbosa, I. (1997). O Eclodir dos Novos Desportos como Expressão das Novas Necessidades Sociais. Dissertação de Mestrado em Recreação e Lazer. FCDEF-UP, Porto (Não Publicada).
- ❖ Bardin, L. (1994). Análise de Conteúdo. Edições 70, Lisboa.
- ❖ Bento, J. (1995). O Outro Lado do Desporto. Campo das Letras. Editores S.A., Porto.
- ❖ Bento, J. (1998). Desporto e Humanismo: O Campo do Possível. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ❖ Beresford, H. (1994). A Ética e a Moral Social Através do Esporte. Editora Sprint, Ltda., Rio de Janeiro.
- ❖ Brito, A. P. (1998). Do Fair Play ao Vale Tudo – Uma Digressão pela Psicologia do Desporto. In *Actas do III Seminário Europeu sobre Fair – Play*.

Desporto de Alta Competição – Que Fair – Play?. Livros Horizonte, Lisboa, pp. 265-271.

❖ Brito, A. P. (2001). Psicologia do Desporto. 2ª Edição. Omniserviços, Representações e Serviços, Ltda.

❖ Brohm, J. et. al. (1974). Desporto & Política. Edições Delfos, Lisboa, pp.156-170.

❖ Caillois, R. (1990). Os Jogos e os Homens – A Máscara e a Vertigem. Editora Cotovia, Lisboa.

❖ Calvo, A. (2001). Desporto para Deficientes e Media – Análise Evolutiva do Tratamento Mediático dos Jogos Paralímpicos em Quatro Periódicos Nacionais (1988/1992/1996). Dissertação de Mestrado em Actividade Física Adaptada. FCDEF – UP, Porto (Não Publicada).

❖ Carvalho, A. (1985). A Função Social do Campeão. In *Horizonte – Caderno Especial*. n.º 1. Maio, pp.7-10.

❖ Carvalho, A. M. (1985). A Violência no Desporto. Livros Horizonte, Lisboa.

❖ Carvalho, A. M. e Constantino, J. (1986). O que é o Olimpismo? – Pequeno Manual de Iniciação. Livros Horizonte, Lisboa.

❖ Cid, L. (2002). Reflexão sobre Ética no Desporto para Crianças e Jovens. In *Horizonte*. Vol. XVIII. n.º 104. Nov. – Dez., pp.36-39.

❖ Coelho, J. N. (2001). Portugal a Equipa de Todos Nós: Nacionalismo, Futebol e Media – A Reprodução da Nação nos Jornais Desportivos. Edições Afrontamento, Porto.

- ❖ Costa, A. S. (1990) Futebol: A grande Festa dos Tempos Modernos. Câmara Municipal de Oeiras.
- ❖ Costa, A. S. (1997). À Volta do Estádio – O Desporto, o Homem e a Sociedade. 1ª Edição. Colecção Campo do Desporto 5. Campo das Letras Editores S.A., Porto.
- ❖ Costa, J. A. e Melo, S. A. (s/d). Dicionário da Língua Portuguesa. Dicionários Editora. 5ª Edição. Porto Editora, Porto.
- ❖ Constantino, J. M. (1990). O Valor Cultural e Ético do Espectáculo Desportivo na Sociedade Contemporânea. In *J. Bento & A. Marques, Desporto. Ética. Sociedade – Actas do Fórum*. FCDEF – UP, Porto, pp.77-86.
- ❖ Constantino, J. M. (1992). O Desporto e a Comunicação Social. In *Horizonte*. n.º 48. Vol. VIII. Março - Abril, pp.203-207.
- ❖ Constantino, J. M. (2002) Os Jogos à Margem do Jogo – O Espectáculo Desportivo e Alguns dos seus Efeitos Perversos. Confederação do Desporto de Portugal, Algés.
- ❖ Cratty, B. (1974). Psychologie et Activité Physique. Éditions Vigot Frères, Paris, pp. 91-199.
- ❖ Crevoisier, J. (1985). Football et Psychologie – La Dynamique de L'Equipe. Chiron Sports Editions. Paris, pp. 172-182.
- ❖ Dunning, E.; Murphy, P. e Williams, J. (1992). La Violencia de los Espectadores en los Partidos de Fútbol: Hacia una Explicación Sociológica, In *Elias, N. e Dunning, E., Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilizacion*. Fondo de Cultura Económica, Madrid, pp. 295-322.

- ❖ Elias, N. e Dunning, E. (1991). A Busca da Excitação. Difel, Lisboa.
- ❖ Farias, S. (1994). O "Corpo" e a Educação Física no Brasil - Pressupostos de Tendências na Prática da Educação Física no Período 1964/1984. Dissertação de Doutoramento. FCDEF-UP, Porto (Não Publicada).
- ❖ Ferreira, V. (1998). Desporto ou Espectáculo e Valor Éticos: Que Simbiose Possível? In *Actas do III Seminário Europeu sobre Fair Play. Desporto de Alta Competição – Que Fair - Play?*. Livros Horizonte, Lisboa, pp. 213-220.
- ❖ Freitas, C. (2000). O Significado Social do Desporto nas Classes Sociais: Uma Análise do Fenómeno. Dissertação de Doutoramento. FCDEF-UP, Porto (Não Publicada).
- ❖ Garcia, R. (1997a). Contributo para a Legitimação de um Discurso Ecológico no Desporto: a Cultura. In *Horizonte*. Vol. XIII. Nº 75. Jan. – Fev., pp.15-23.
- ❖ Garcia, R. (1997b). A Evolução do Homem e das Mentalidades – Uma Perspectiva Através do Corpo. In *Movimento*. Ano IV. n.º 6. Publicação da Escola de Educação Física. Porto Alegre, pp. 61-70.
- ❖ Garcia, R. (1999a). Do Jogo com Esforço ao Jogo sem Esforço: Análise Através do Corpo. In *Horizonte*. Vol. XV. n.º 89. Maio – Junho, pp. 6-13.
- ❖ Garcia, R. (1999b). Contextos da Pedagogia do Desporto – Perspectivas e Problemáticas. In *Bento, Garcia & Graça*. Livros Horizonte. Coleção Horizonte da Cultura Física, Lisboa, pp. 119-146.

- ❖ Garcia, R. (2001). Desporto para Pessoas com Deficiência – Uma Perspectiva Ética. In *Temas Atuais em Educação Física e Esportes V*. Editora Health, Belo Horizonte, pp.83-92.
- ❖ Garcia, R. (2002). Apontamentos de Sociologia do Mestrado em Ciências do Desporto, Área de Actividade Física Adaptada. FCDEF – UP, Porto.
- ❖ Hahn, E. (1998). Mudanças no Hooliganismo no Futebol nos Anos Noventa. In *Actas do III Seminário Europeu sobre Fair Play*. Desporto de Alta Competição – Que Fair – Play?. Livros Horizonte, Lisboa, pp. 165-171.
- ❖ Halloran, J. (1995). Médios de Comunicación Social, Deporte y Entendimiento Internacional. In *Actas Congreso Científico Olímpico – 1992*. Deporte y Documentación. n.º 24. Vol. II. Edición Española, Málaga.
- ❖ Lacerda, T. (2000). Equilíbrio e Força: Das Capacidades Motoras às Categorias Estéticas. In *Horizonte*. Vol. XVI. n.º 96. Nov. - Dez., pp.21-22.
- ❖ Lacerda, T. (2002). A Estética como Dimensão de Referência para o Desporto do Século XXI. In *Horizonte*. Vol. XVIII. n.º 104. Nov. – Dez., pp. 18-20.
- ❖ Lipovetsky, G. (1994). O Crepúsculo do Dever – A Ética Indolor dos Novos Tempos Democráticos. Publicações Dom Quixote, Lisboa, pp. 260-270.
- ❖ Lopes, A. (2001). A Actividade Física no Tempo Livre dos Alunos com Deficiência – Estudo Realizado nas Escolas do 2º e 3º Ciclo do Distrito de Braga. Dissertação de Mestrado em Actividade Física Adaptada. FCDEF–UP, Porto (Não Publicada).
- ❖ Lyra Filho, J. (1973). Introdução à Sociologia dos Desportos. Bloch Editores S.A., Rio de Janeiro.

- ❖ Marivoet, S. (1998). A Emergência de uma Nova Ética para o Desporto do IIIº Milénio. In *Actas do III Seminário Europeu sobre Fair Play*. Desporto de Alta Competição – Que Fair – Play?. Livros Horizonte, Lisboa, pp. 197-202.
- ❖ Marques, A. (1997). Repensar o Desporto. In *Horizonte*. Vol. XIII. n.º 75. Jan. - Fev., pp.3-7.
- ❖ Marques, A. e Gomes, M. (1990). Do Perfil de uma Estética do Desporto. In *J. Bento & A. Marques, Desporto. Ética. Sociedade – Actas do Fórum*. FCDEF – UP, Porto, pp. 218-226.
- ❖ Marques, U. (1990). Ética no Desporto para Deficientes, In *J. Bento & A. Marques, Desporto. Ética. Sociedade – Actas do Fórum*. FCDEF-UP, Porto, pp.143-149.
- ❖ Meinberg, E. (1990). Para uma Nova Ética do Desporto. In *J. Bento & A. Marques, Desporto. Ética. Sociedade*. Actas do Fórum. FCDEF – UP, Porto, pp. 69-71.
- ❖ Moltó, A. (2001). Médios de Comunicación Escrita, Discapacidad y Empleo. In *Integración 37*. Revista Sobre Cegueira y Deficiencia Visual, Madrid, pp. 11-16.
- ❖ Morris, D. (1981). A Tribo do Futebol. Publicações Europa - América.
- ❖ Moura e Castro, J. A. (1996) O Deficiente e o Desporto. In *Horizonte*. Vol. XIII. n.º 74, pp. 26-30.
- ❖ Moura e Castro, J. A. e Garcia, R. (1998). Desporto, a Performance e a Estética do Corpo Deficiente. In *Educação Física: Contexto e Inovação*, Actas

do V Congresso de Educação Física e de Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Vol. I. FCDEF-UP, Porto, pp.203-213.

❖ Murad, M. (1995). O Lugar Teórico da Sociologia do Futebol. In *Pesquisa de Campo*. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. n.º 2, Rio de Janeiro, pp. 101-115.

❖ Murad, M. (1996). Dos Pés à Cabeça – Elementos Básicos de Sociologia do Futebol. Editora Irradiação Cultural Ltda, Rio de Janeiro.

❖ Queirós, P. (2002). O Corpo na Educação Física – Leitura Axiológica à Luz de Práticas e Discursos. Dissertação de Doutoramento. FCDEF – UP, Porto (Não Publicada).

❖ Ramadan, M. I. (1997). Crónica de Futebol: Um Subgénero. In *Pesquisa de Campo*. Futebol e Cidadania. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. n.º 5, Rio de Janeiro, pp. 45-68.

❖ Raul, C. (Org.). (2001). Livro D' Ouro Jogos Paralímpicos de Sydney 2000: 18 Dias de Glória. Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes.

❖ Rolim, R. e Proença, R. (1995). A Dimensão Ética do Treino com Jovens. In *Horizonte*. Vol. XI. n.º 66. Março – Abril, pp.221-227.

❖ Shigunov, V. (1998). O Perfil e as Manifestações dos Espectadores Desportivos. In *Deporte e Humanismo en Clave de Futuro*. VI Congreso de Educación Física Y Ciências de Deporte dos Países de Língua Portuguesa, Galícia, pp.107-108.

❖ Sousa, J. T. (1996). Para a Sociologia do Futebol Profissional Português. Edições FMH-UTL, Lisboa.

- ❖ Tavares, O. (2002). Doping: Argumentos em Discussão. In *Movimento*. Vol. 8. n.º 1. Jan. – Abr. Publicação da Escola de Educação Física, Porto Alegre, pp. 41-55.

- ❖ Tubino, M. (1994). O que é Esporte. 2ª Edição. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, São Paulo.

- ❖ UNESCO. (1978). Carta Internacional da Educação Física e do Desporto. UNESCO, Paris.

- ❖ Vargas, A. L. (1995). Desporto Fenômeno Social. Editora Sprint, Rio de Janeiro.

- ❖ Viana, M. (s/d). Ética Geral e Profissional. Livraria Figueirinhas, Porto.

- ❖ Wann, D.; Melnick, M.; Russell, G. e Pease, D. (2001). Sport Fans – The Psychology and Social Impact of Spectators. Routledg, New York, London.

VIII – Anexos

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
Universidade do Porto

O presente questionário tem como objectivo a recolha de informação para a realização de uma tese de Mestrado, na área de especialização em Actividade Física Adaptada, pela Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Trata-se de uma investigação que se debruça sobre o público no desporto para pessoas com deficiência.

As informações recolhidas serão mantidas **confidenciais**, apenas serão divulgados os resultados totais, destinados a **fins científicos**.

A sua opinião é fundamental para o sucesso deste estudo, por isso solicito-lhe que responda com o máximo de rigor e sinceridade.

Obrigada pela colaboração.

Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
Universidade do Porto

Escola que frequenta: _____ Opção: _____

Sexo: M__ F__ Idade: _____

1 - Já assistiu a modalidade(s) desportiva(s) praticadas por pessoas com deficiência?

Sim _____ Não _____

2 - Baseado na resposta anterior, enumere as razões para sucedido.

3 - Dê a sua opinião pessoal sobre as razões que levam as pessoas a assistirem a acontecimentos desportivos com pessoas com deficiência.

4 - O que acha que seria necessário para que houvesse mais público nos desportos para pessoas com deficiência.

Obrigada.